
Revista Formadores

Vivências e Estudos

Volume 9
Número 2

Junho 2016



MOSAICO

- CACHOEIRANO -

Revista Formadores

Vivências e Estudos

CADERNO DE ECONOMIA CRIATIVA

Volume 9

Número 2

Junho 2016

ISSN: 2177-7780

EDITORA-CHEFE

Profa. Dra. Tânia Moura Benevides

Faculdade Adventista da Bahia/Universidade Federal da Bahia/Universidade do Estado da Bahia

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Msc. Merlinton Pastor de Oliveira

Faculdade Adventista da Bahia

Profa. Dra. Selena Castelão Rivas

Faculdade Adventista da Bahia

Prof. Msc. Ricardo Costa Caggy

Faculdade Adventista da Bahia

Prof. Dr. Fabiano Leichsenring Silva

Faculdade Adventista da Bahia

Profa. Msc. Nubiorlândia Rabelo Pastor Oliveira

Faculdade Adventista da Bahia

AVALIADORES

Prof. Msc. Ricardo Costa Caggy

Faculdade Adventista da Bahia

Profa. Dra. Tânia Moura Benevides

Faculdade Adventista da Bahia/Universidade Federal da Bahia/Universidade do Estado da Bahia

DIAGRAMAÇÃO E FOTOGRAFIA

Naassom Azevedo

WEBSITE

<http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/formadores>

Revista Formadores

Vivências e Estudos

SUMÁRIO

ARTIGOS	EDITORIAL: CACHOEIRA: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA CRIATIVA.....4 Tania Moura Benevides
	ECONOMIA CRIATIVA EM CACHOEIRA: UMA ANÁLISE DO POTENCIAL DO MUNICÍPIO.....6 Tatiane Gonçalves dos Santos; Claudia Pereira da Silva Tavares e Tânia Moura Benevides
	DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL X INVESTIMENTO ORGANIZACIONAL: UMA ANÁLISE EM PEQUENAS E MICROEMPRESAS.....21 <i>Diego Guedes Oliveira, Elisangela Souza Santos e Ricardo Costa Caggy</i>
	ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO LOCAL A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DA FACULDADE ADVENTISTA DA BAHIA.....35 Glicênia Rodrigues Coelho, Tiago Araújo dos Santos e Ricardo Costa Caggy
ENSAIOS	CACHOEIRA: QUAL O POTENCIAL DA REGIÃO E O QUE FAZEM OS CENTROS DE FORMAÇÃO NESSE TERRITÓRIO?.....47 Ricardo Costa Caggy
	DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL (DRS): PARA ONDE CAMINHA ESSE MUNICÍPIO?.....51 Danilo Oliveira
PROJETO DE INTERVENÇÃO	MOSAICO CACHOEIRANO: POTENCIAL PARA A ECONOMIA CRIATIVA EM CACHOEIRA.....55 Catálogo produzido pelos estudantes do 3º período do curso de Administração da Faculdade Adventista da Bahia [2015.1]

CADERNO ESPECIAL DE ECONOMIA CRIATIVA

CACHOEIRA: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA CRIATIVA

O Caderno Especial de Economia Criativa da Revista Formadores - Vivências e Estudos está sendo lançado, em junho de 2016, com objetivo de atender a uma demanda institucional. Busca-se com esta publicação informar discentes, docentes e comunidade sobre os rumos e achados da linha de pesquisa ***Empreendedorismo e Desenvolvimento Regional Sustentável***, que inclui as seguintes temáticas: Empreendedorismo - atividade empreendedora no Recôncavo Baiano, sob a responsabilidade do Prof. Jó Santos; Desenvolvimento Regional Sustentável (DRS), sob a responsabilidade do Prof. Danilo Oliveira; Ensino de Empreendedorismo, sob a responsabilidade do Prof. Ricardo Costa Caggy; e Economia Criativa sob a minha responsabilidade. Os trabalhos desse grupo foram iniciados em 2015-1 e já trazem resultados importantes para o entendimento desse território - Cachoeira.

Espera-se que, ao longo do ano de 2016, possamos ampliar a ação institucional, incluindo atividades extensionistas. Serão planejadas e implementadas ações de intervenção em pequenos empreendimentos locais, do distrito de Capueiruçu, com a clara intenção de fortalecer o empreendedorismo local, respeitando a diversidade cultural, o posicionamento gestor e o potencial criativo de cada empreendedor. Espera-se, assim, ampliar a interação com a comunidade, fortalecendo os laços e garantindo a sustentabilidade das ações empreendedoras, com intuito de promover o desenvolvimento sustentável do distrito e, consequentemente, do município de Cachoeira.

Os principais estudos empreendidos em 2015 visavam entender, de forma mais ampla, como se estruturava o desenvolvimento regional e sua relação com empreendedorismo e educação. Buscavam ainda avaliar se no município de Cachoeira havia potencial para o desenvolvimento da Economia Criativa - uma possibilidade de desenvolvimento local mais harmônica.

Apresentamos, nesta edição, três artigos desenvolvidos sobre o território. O primeiro trabalho, denominado "***Economia Criativa em Cachoeira: Uma Análise do Potencial do Município***" das discentes Claudia Pereira da Silva Tavares e Tatiane Gonçalves dos Santos, sob a minha orientação, faz uma análise do potencial do município de Cachoeira para o desenvolvimento da Economia Criativa [um importante campo de pesquisa, que vem sendo estudado em função do seu potencial de desenvolvimento econômico].

O segundo artigo dedica-se à compreensão do desenvolvimento profissional na região. No artigo denominado "***Desenvolvimento profissional x Investimento organizacional: uma análise nas pequenas empresas de Cachoeira***", os autores Diego Guedes de Oliveira e Elisângela Souza Santos, sob a orientação do Prof. MSc. Ricardo Costa Caggy, avaliam as estratégias adotadas por pequenas e microempresas da cidade de Cachoeira, para investir no desenvolvimento profissional dos seus colaboradores, verificando em que medida os investimentos realizados possibilitam o desenvolvimento profissional.

Glicênia Coelho e Tiago dos Santos, também sob a orientação do Prof. MSc. Ricardo Costa Caggy, apresentam o terceiro e último artigo da edição – "***Análise do desenvolvimento local a partir da implantação***

da Faculdade Adventista da Bahia". Neste trabalho os autores buscam mensurar os impactos da implantação da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA) no desenvolvimento local de Capueiruçu.

Após a apresentação dos artigos, são apresentados dois ensaios teóricos dos professores pesquisadores. Tratam-se de reflexões sobre a temática empreendedorismo e desenvolvimento regional sustentável, nas distintas perspectivas de pesquisa a que se dedicam cada um dos autores.

Por fim, são apresentados os casos locais levantados e organizados pelos discentes do terceiro semestre [2015-1] do curso de Administração da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA). Foram elencados 13 Empreendimentos [ou Empreendedores] que possuem potencial para desenvolvimento da Economia Criativa. Denominamos esse trabalho de "**Mosaico Cachoeirano: Potencial para a Economia Criativa em Cachoeira**".

Cabe um agradecimento especial, dos docentes e discentes vinculados ao grupo de pesquisa **Empreendedorismo e Desenvolvimento Regional Sustentável**, ao Prof. Ricardo Costa Caggy, coordenador do Curso de Administração da FADBA no período. O Professor Ricardo tem, através de múltiplas ações, apoiado e estimulando, de forma séria e inclusiva, as atividades de pesquisa e extensão na instituição.

Destaca-se aqui que o Caderno Especial sobre a Economia Criativa foi viabilizado graças ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado da Bahia (SECTI).

Desejamos uma boa leitura a todos!

Tânia Moura Benevides

ECONOMIA CRIATIVA EM CACHOEIRA: UMA ANÁLISE DO POTENCIAL DO MUNICÍPIO

Tatiane Gonçalves dos Santos [gsantos.tati@gmail.com], Claudia Pereira da Silva Tavares [claudia.silva.tavares@hotmail.com] e Tânia Moura Benevides [taniamoura2511@gmail.com]

RESUMO

Este artigo tem por objetivo avaliar a contribuição do potencial cultural de Cachoeira para o desenvolvimento da economia criativa no município. Para sua elaboração, em relação ao percurso metodológico, partiu-se inicialmente de uma pesquisa bibliográfica para levantar a evolução do conceito de economia criativa, visto que esse é um campo novo de pesquisa, estando tal conceito em processo de construção. Os estudos publicados apontam que o conceito de economia criativa vem derivando dos conceitos de indústria cultural e indústria criativa. Após a avaliação do referencial e definição dos termos e conceitos a serem utilizados, optou-se pela construção de um questionário como instrumento de coleta de dados. O questionário foi aplicado nos meses de setembro a outubro de 2015, com uma amostra 180 respondentes. Em relação aos resultados, verificou-se que o município possui uma potencialidade criativa a ser explorada, visto que a população possui alto nível de interação com a cultura, mas desconhece algumas atividades da economia criativa. A população não reconhece o desenvolvimento da criatividade como via de desenvolvimento econômico que possa gerar ganho coletivo e individual, não reconhece também que a economia criativa possa transformar e levar ao desenvolvimento local. Esta pesquisa revela que os participantes possuem uma baixa credibilidade em relação às perspectivas de mudanças e melhorias para o município e não acreditam que a economia criativa tem o poder de transformar, incluir e repartir. Torna-se necessário o apoio dos atores sociais para a implantação de novas políticas de estímulo, atualização e investimentos tecnológicos, que proporcionem um avanço, de maneira a ampliar suas perspectivas de melhoramento em diversos setores.

Palavras-chave: Economia Criativa. Cultura. Desenvolvimento.

1 INTRODUÇÃO

A economia criativa origina-se do termo indústria criativa, que foi expresso em 1994 no projeto Creative Nation na Austrália. O trabalho criativo e sua contribuição para a economia vêm ganhando relevância, pois com base em suas características a economia criativa tem sido vista como uma oportunidade de resgatar o cidadão, inserindo-o social e economicamente (REIS, 2008).

Partindo do princípio de que a cultura tornou-se base para o levantamento de um novo desenvolvimento econômico, propõe-se, a partir dela, fomentar diferentes setores, constituindo-se aí um campo vasto e heterogêneo. A economia criativa inclui: artesanato, festas populares e até os serviços mais complexos, envolvendo tecnologia, tais como: design, arquitetura e pesquisas científicas. Busca transformações de ideias e conhecimentos em bens tangíveis. Pode ainda ser vista como uma área de serviços intangíveis, que é acompanhada de conteúdo criativo e baseada em cultura, economia e perspectivas de mercado (BRASIL, 2012).

A contribuição da economia criativa para o município de Cachoeira, localizado na Bahia, está respaldada nos impactos econômicos e culturais que a adoção da economia criativa pode viabilizar, visto que a cidade possui um vasto campo a ser explorado, principalmente no que se refere à cultura, pois essa se expressa nas muitas manifestações artísticas locais.

Aponta-se, nesta pesquisa, a partir das diferentes perspectivas de cidades criativas, uma análise do fomento da cultura local, avaliando se uma cidade com forte alicerce cultural pode desenvolver o empreendedorismo local, a partir do potencial criativo, de maneira a potencializar a valorização do município. A cidade de Cachoeira possui aspectos culturais e uma história marcante, conhecida como monumento nacional, que apresenta em cada sobrado, casa, rua e praça uma referência histórica, política, cultural, econômica e social (ROCHA, 2015).

Levando-se em consideração o amplo e irrestrito potencial cultural de Cachoeira, este trabalho parte da seguinte questão de investigação: ***Qual a percepção da população local em relação ao potencial cultural da cidade de Cachoeira para a contribuição, no município, do fomento à economia criativa?***

A fim de responder a tal questão, o objetivo geral deste trabalho é avaliar a contribuição do potencial cultural de Cachoeira para o desenvolvimento da economia criativa no município, na percepção dos moradores. Por objetivos específicos, busca-se caracterizar o município estudado, qualificando o seu potencial criativo [Estilo de vida, Interação Social, Diversidade, Autenticidade, Identidade e Qualidade de lugar]; analisar os indicadores de cidade criativa aplicados ao município estudado [classe criativa, tecnologias existentes, inovação, entre outros]; e, correlacionar os índices positivos e negativos, indicando formas de desenvolvimento da economia criativa local.

Tendo em vista o conhecimento sobre o tema, o presente estudo busca identificar os aspectos positivos e negativos da cidade em relação ao potencial da economia criativa, na percepção da população local. Partindo desse pressuposto, a pesquisa propõe alternativas de fomento do potencial criativo no município de Cachoeira, dessa forma gerando subsídios para a análise do território, o que justifica a relevância da pesquisa. Através deste trabalho, espera-se despertar o olhar crítico sobre potencialidade criativa das cidades, independente da naturalidade ou das escolhas baseadas no estilo de vida.

Nesta perspectiva, o referido trabalho foi subdividido da seguinte forma: a primeira parte discorre sobre a economia criativa como um vasto campo a ser desmitificado, apresentando brevemente a história e seus conceitos. A segunda parte apresenta o campo da economia criativa no desenvolvimento econômico brasileiro, as perspectivas do estado da Bahia, com as referidas contribuições para o Recôncavo Baiano, e, por fim, apresenta-se o objeto de estudo, que é a cidade de Cachoeira, demonstrando as potencialidades para o fomento da economia criativa no local.

2 CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO

Criatividade tornou-se um assunto amplo a ser estudado na atualidade. Dentro dessa temática, cidades, regiões e nações destacam a sua criatividade e possíveis contribuições dessa para o desenvolvimento territorial (LANDRY, 2011).

A criatividade torna-se um grande diferencial a ser identificado, desenvolvido e investido. Reis (2008) referiu-se ao conceito de criatividade abordando que esta possui várias definições, desmitificando novas maneiras de quebrar as tradições, de modo a reinventar, juntar todos os pontos e, dessa forma, trazer novas soluções para diversas situações. Criatividade é um fator relevante no desenvolvimento social, econômico e político de um país. A criatividade dinamiza e transforma as formas de produções, consumos e convivência social nas sociedades modernas.

“A criatividade pode florescer em qualquer lugar. Mas, se quisermos ir além da criatividade, para uma ecologia criativa, é preciso haver diversidade, mudanças e capacidade de adaptação, com escopo e escola suficientemente amplos” diz Howkins (apud REIS, 2011, p.26).

As atividades criativas estão mais presentes, tornando-se cada vez mais predominantes. A abordagem sobre criatividade, na economia, tem uma significativa importância, pois através dela surgem inúmeras investigações científicas, com assuntos e debates frequentes nas políticas públicas e privadas dos países. Através dessa abordagem, o desenvolvimento cresce amparado na economia criativa, na classe criativa,

entre outros (FLORIDA, 2011). Nesse sentido, a criatividade está diretamente relacionada a um ser dotado de um dom singular, onde o homem tem a capacidade de estabelecer relacionamentos entre os múltiplos eventos que ocorrem ao redor e dentro dele mesmo.

Landry (2011) afirma que todo indivíduo inicialmente é criativo, no entanto uns podem demonstrar ser mais que outros. Também as pessoas podem ampliar sua criatividade, podendo desenvolvê-la em empresas, na vizinhança e nas cidades. No entanto, os indivíduos distinguem-se em relação à vocação ou maneira de refletir sobre a criatividade, sendo que alguns mostram-se mais abertos que outros.

Jeffcutt (2000, apud KIRSCHBAUM et al, 2009) afirma que a criatividade é um fator crítico para produtos fabricados em pequenos lotes e para produtos que mudam rapidamente. A questão principal é como conseguir aumentar essa criatividade em qualquer pessoa, empresa, região ou economia. É importante analisar onde a criatividade está "localizada" e como pode tornar-se inovação.

De acordo com Landry (2011), a inovação é colocada, nas discussões sobre economia criativa, como fator decisivo para que as micro e pequenas empresas possam garantir o seu espaço no mercado competitivo. A inovação não envolve apenas investimentos em alta tecnologia, mas sim em métodos e processos, não exigindo necessariamente altos investimentos.

A inovação tem tornado-se um assunto bastante discutido pelas empresas em relação à sua importância. Para inovar é preciso que haja conhecimento e reconhecimento de novas oportunidades, buscando-se optar por melhores escolhas com base no risco, no olhar crítico e em um pensamento estratégico (BRASIL, 2012). Como observado por Florida (2001), em praticamente todos os segmentos da economia, aqueles que conseguem criar e continuar inovando são os que obtêm sucesso de longo prazo.

3 ECONOMIA CRIATIVA

Dada a relevância da criatividade para a geração de valor econômico, a economia criativa foi sendo gestada enquanto conceito e campo de estudo e trabalho. Trata-se de uma nova abordagem, que deriva da indústria criativa e vai se constituindo como uma nova e importante abordagem conceitual. Segundo Reis (2008, p.16), "O conceito de economia criativa origina-se do termo indústrias criativas, por sua vez inspirado no projeto *Creative Nation*, da Austrália, de 1994".

Florida (2011) afirma que a economia criativa envolve os aspectos socioculturais e educacionais que colaboram na aproximação dos profissionais com a economia e que disponibilizam seus serviços com base em seus conhecimentos. Por essa razão, cada país tem um desenvolvimento diferente e com características distintas.

Para Howkins (2013), a economia criativa consiste nas transações contidas nos produtos criativos. Sendo que cada transação pode conter dois valores: o valor da propriedade intelectual intangível e o valor da plataforma física. A economia criativa contribui para a dinamização dos setores tradicionais de uma economia. Os setores criativos são aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo que gere um produto, bem ou serviço, sendo que sua amplitude finaliza em produção de riqueza cultural, econômica e social. Esses setores vão além dos setores denominados como tipicamente culturais, relacionados à produção artístico-cultural, tais como: música, dança, teatro, ópera, circo, pintura, fotografia e cinema. Abrange outras atividades tais como: as novas mídias, a indústria de conteúdo, o design, a arquitetura, entre outros (BRASIL, 2012).

No Brasil, a definição de economia criativa tem sido utilizada para apontar a grandeza econômica presente no segmento cultural. Nessa perspectiva, abrange a criação, produção e distribuição de bens e serviços que utilizam o conhecimento, a criatividade e o capital intelectual como principais recursos produtivos (BAHIA, 2014). Assim, "[...] a economia criativa é, portanto, a economia do intangível, do simbólico. Ela se alimenta dos talentos criativos, que se organizam individual ou coletivamente para produzir bens e serviços criativos" (BRASIL, 2012, p.25).

De acordo com Plano da Secretaria da Economia Criativa (2012), a Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), nos anos de 2008 e 2010, ao produzir o primeiro e o segundo Relatório de Economia Criativa [*Creative Economy Report*], explicita que os setores criativos estão classificados em nove áreas descritas em quatro categorias: patrimônio [sítios culturais e manifestações tradicionais], artes [artes visuais e artes performáticas], mídias [publicações e mídias impressas e audiovisuais] e criações funcionais [design, serviços criativos e novas mídias]. De acordo com Barreto (2011, p.16), “[...] setores como turismo, cultura, artesanato, design, gastronomia, serviços de arquitetura, produção de *software*, por exemplo, estão diretamente ligados à economia criativa, e todos com presença em micro e pequenas empresas”.

Para Florida (2011), a discussão conceitual do que é economia cultural já é bem antiga. No final dos anos 80, a emergência de novas mídias aumentou a demanda por produtos e serviços culturais. Já nos anos 90, a modificação da indústria foi reforçada pelo surgimento das novas tecnologias digitais, que obteve o resultado de grandes mercados competitivos em nível global. A cultura é entendida por alguns autores como um processo de radiação a partir de um núcleo formado pelo campo das artes, como artesanato, pintura, fotografias, festivais, danças, bibliotecas, acervos, museus, cinemas, vídeos, TV, rádios, músicas, livros, imprensa, entre outros.

Na perspectiva de Tolila (2007), os bens culturais são tanto aqueles oferecidos pelo setor público ao consumo do cidadão [museus nacionais, monumentos patrimoniais, espetáculos ao vivo etc.] como os que são produzidos pelas indústrias culturais nos diferentes campos [música, cinema, livros, videogames, produtos multimídia], estes possuem características diferentes, pois sua compra e seu consumo não acabam nenhuma de suas propriedades e não fazem sumir a possibilidade de um consumo maior e mais amplo.

De certa maneira, pode-se dizer que nunca os fenômenos econômicos repousaram tanto sobre o espírito humano convertido em motor da produtividade, e é isso que explica, que o espírito humano tenha tornado-se também o processo de toda uma série de indústrias, entre elas as indústrias culturais (TOLILA, 2007). Segundo Cavalcanti (2012, p. 130):

[...] o conceito de indústria criativa é mais amplo do que o de indústria cultural. Este último se refere a indústrias que combinam a criação, produção e comercialização de conteúdos criativos que são intangíveis e culturais e podem tomar a forma de bens materiais ou de serviços. Abrangem, normalmente, a impressão, a publicação, as produções audiovisuais, fonográfica, cinematográficas e o design.

A convenção de originalidade que se situa no conjunto de mercados culturais pode ser definida com base em três atributos principais que são a autenticidade, a unicidade e a novidade (TOLILA, 2007). O autor destaca o papel crucial da educação cultural e artística para criar, difundir e melhorar um quadro de conhecimentos que permita, à população, apreciar o valor do conjunto das informações recebidas e colocá-las em perspectiva. Hartley (2005, p.5 apud BENDASSOLLI, 2009, p.12) diz que:

A ideia de indústrias criativas busca descrever a convergência conceitual e prática das artes criativas (talento individual) com as indústrias culturais (escala de massa), no contexto de novas tecnologias midiáticas (TIS) e no escopo de uma nova economia do conhecimento, tendo em vista seu uso por parte de novos consumidores cidadãos interativos.

De acordo com Cavalcanti (2012), a indústria criativa contempla as indústrias culturais e também todas as demais que contenham substancial elemento de criação individual e de propriedade intelectual. Ao se tratar de indústrias criativas, pode-se avaliá-las como um fenômeno econômico, que se relaciona com as políticas públicas de desenvolvimento. A concepção de indústrias criativas procura descrever uma interação conceitual e prática de criação, acompanhada de ideias criativas [talentos individuais] com as indústrias culturais [escala de massa], ambos inseridos no conceito de novas tecnologias e no projeto de uma nova economia do conhecimento, levando em consideração novos consumidores cidadãos interativos (HARTLEY, 2005, apud BENDASSOLLI (et al) 2009).

Os cidadãos interativos assim passam a ser entendidos como classe criativa e constituem, ou bus-

cam, cidades criativas para o desenvolvimento de suas atividades, sendo esse construto – cidades criativas – muito importante para o entendimento de alguns territórios.

4 CIDADES E CLASSES CRIATIVAS

Historicamente, o conceito de cidade criativa, conforme observa Landry (2011), foi considerado um lugar onde artistas desenvolvem suas atividades voltadas para a imaginação, com base nos traços e no espírito de uma cidade criativa. A partir desse pressuposto, o autor afirma que o indicador básico de uma cidade criativa é a classe criativa. Portanto, a cidade criativa é um meio para estimular a abertura mental e motivar as políticas públicas, gerando um impacto na cultura local. O autor conclui que a criatividade está inserida tanto nas cidades grandes quanto nas pequenas, e afirma que cidade criativa é um conceito positivo, pois estimula a inclusão de uma cultura criativa.

É relevante pensar na importância da infraestrutura [*hard*] em uma cidade criativa, pois essa importância vai além do *hard*. Para o avanço em criatividade, o *soft* da cidade necessita incluir: trabalho com sua força altamente capacitada e flexível; gerando pensadores e criadores dinâmicos. A cidade criativa procura sempre identificar, nutrir, atrair e manter talentos, além de criar estratégias para aproximar e segurar profissionais relacionados à área (LANDRY, 2011).

Santos (2012) afirma que “cidade criativa” é um tema bastante amplo, e que arte, cultura, tecnologia e sustentabilidade são conciliáveis. Salienta que as artes, os serviços variados, entre outros, podem aproximar a classe de empreendedores criativos, que passam a destacar a vida cultural e a boêmia, respeitando o valor histórico e a contemporaneidade das cidades.

Martins (2011) complementa que as cidades criativas são vistas pelos seus insumos locais e tem a capacidade de promover o desenvolvimento da economia, baseado na qualidade de vida e estímulo os múltiplos talentos existentes e novos.

Carvalho (2011) afirma que as cidades criativas são vistas como incentivadoras de talentos, com base na diversidade, gera valor e abre novos horizontes a partir desse ponto. Mesmo com seus problemas existentes, a cidade tem a capacidade de geração de valores culturais e diversidades. Complementa que, cidades que tem a tendência à cultura baseada em grandes talentos devem propiciar investimentos majorados para a cultura e seus demais setores criativos, pois isso resultará em mais conhecimento, emprego e renda e, cada vez mais, desenvolvimento sustentável. O autor afirma ainda que a identificação das cidades criativas em um país é de grande valia, pois cria talentos e indica caminhos para o desenvolvimento e a geração de riquezas.

Já Florida (2002) diz que a cidade criativa, para ter um bom desenvolvimento, precisa atrair o grupo de trabalhadores do conhecimento que, cada vez mais, geram a criação de riquezas, de forma que produzam bons resultados. Por sua vez, a cidade deve criar um clima acessível para essas pessoas, onde o ambiente físico dessa cidade deve promover uma socialização estimulando o convívio dentro desse ambiente criativo.

Pessoas criativas, envolvidas tanto com as indústrias criativas quanto com a economia criativa, escolhem cidades que satisfazem ao seu estilo de vida. As pessoas criativas são vistas como um grande valor para cidades criativas, pois promovem o ciclo de criação, produção e distribuição de bens e serviços, usando a sua criatividade e seu capital intelectual como uma fonte de principal insumo para desenvolvimento econômico (SANTOS, 2012).

A cidade que é considerada boa é aquela onde as pessoas sentem desejo de morar, trabalhar e divertir-se. Um lugar que transmita felicidade. Para entender a identidade da cidade criativa, Verhagen (2011, p. 109) diz:

A cidade criativa não é a cidade que simplesmente atrai a classe criativa. Tampouco é a cidade na qual a maior parte da economia vem da economia criativa. Nem é a cidade com o maior número de artistas, estudiosos ou ateliês. A cidade deveria oferecer as características básicas que todos gostamos de ver em uma cidade: ela tem que ser limpa, verde e segura. Acima de tudo, deve ter uma identidade distinta, oferecer atividade suficiente e ir à luta. Uma cidade criativa é atraente para todos e é uma cidade

com boas oportunidades de desenvolvimentos para a economia criativa.

Uma cidade criativa é vista como uma cidade aberta, esse ponto favorece a inspiração e criatividade e interação com outros. Essa abertura atrai visitante, sua abertura promove mudanças, beneficiando a todos.

A economia criativa teve consequências profundas na distribuição das pessoas em grupos de classes sociais. Sendo assim, trouxe uma abordagem para a classe criativa que é formada por pessoas que agregam valor econômico por meio da sua criatividade e, com isso, inclui um grande número de trabalhadores do conhecimento, analistas simbólicos e profissionais técnicos e especializados, mas salienta o verdadeiro papel deles na economia. Florida (2011) traz uma definição de classe enfatizando o modo como as pessoas se agrupam e estabelecem identificações, baseado principalmente no papel econômico que desempenham. Preferências sociais e culturais, hábitos de consumo e identidade social também são destacados pelo autor.

A classe criativa é caracterizada pela conjugação de três elementos: o conhecimento e a capacidade de dominar a tecnologia (as infraestruturas tecnológicas onde vão fluir, circular, e interagir os produtos criativos); o talento individual, mas, sobretudo, o talento potenciado pela convivência dos talentos; e a abertura à tolerância, própria destas comunidades diversificadas (MARTINS, 2011).

Florida (2001) apontou a tecnologia, a tolerância e o talento, visto como os 3 Ts, como um novo meio de entender a economia criativa e seus impactos sobre o desenvolvimento econômicos. Os 3 Ts operam juntos para desenvolver o crescimento econômico. A classe criativa só pode ascender quando a administração pública é imaginativa, onde há inovações sociais, onde a criatividade existe em áreas como saúde, serviços sociais e mesmo política e governança (LANDRY, 2011).

No Brasil há registros históricos em riqueza em produção cultural, registros que levam à reflexão sobre a necessidade de pensar políticas, públicas e privadas, para um bom desenvolvimento da economia criativa (BARRETO, 2011). O potencial criativo brasileiro é uma importante maneira de estimular e garantir a difusão da renovação do conhecimento (MARTINS, 2011). Para o Brasil, a economia criativa é vista de maneira transversal, devido a isso, a formação de políticas públicas requer ações multifuncionais e uma governança adaptada a diversos setores (BAHIA, 2012) e, para sua dimensão econômica do segmento criativo, é necessário identificar as principais potencialidades e desafios apresentados pelo estado ou cidade.

O termo economia criativa no Brasil é usado para denominar um conceito amplo dentro do segmento cultural, baseado em sua dimensão cultural e, embora exista uma discussão muito profunda sobre a atividade que faz parte do tema, não há um consenso mundial e nem nacional sobre o assunto (BAHIA, 2012).

5 CACHOEIRA E SUAS POTENCIALIDADES

No ano de 1531, veio para a Bahia a expedição de Martim Afonso de Souza com a responsabilidade de promover o cultivo da cana-de-açúcar e a sua indústria. O Recôncavo Baiano iniciava a sua exploração, possuindo terras propícias a essa cultura, começando assim a escolher as instalações dos primeiros engenhos (IBGE, 2015).

No final do século XVI, já havia cinco engenhos na região. Em 1663, foi criada a Vila e Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, do Porto de Cachoeira. Essa vila transformou-se em um local para onde afluíam os homens ricos da época, aqueles que, até pouco tempo, se denominavam de Senhores de Engenho. Ao lado do grande centro açucareiro em que ia se transformando, outras culturas ali se desenvolviam, principalmente a do fumo, que foi uma das melhores em todo o interior do Estado (IBGE, 2015).

No período de passagem do século XVIII para o XIX, a vila de Cachoeira "era o segundo porto mais importante da Bahia", possuindo o segundo núcleo populacional de toda a província. Na segunda metade do século XIX, Cachoeira ainda se mostrava um importante centro urbano do Recôncavo Baiano, formando muitas casas de negócios que faziam chegar à população local e a forasteiros (SOUZA, 2010).

Cachoeira, a Heroica, denominada pela lei nº 43, de 13 de Março de 1837, por consequência dos seus feitos, foi a Sede do Governo Provisório do Brasil durante a guerra da Independência em 1822 e, depois, em

1837, quando houve o levante da Sabinada.

Cidade do Recôncavo Baiano, é uma referência única da cultura baiana, pois formada por uma população de afrodescendentes, carrega uma cultura dos séculos XVIII e XIX, com uma forte religiosidade. Na década de 1970, ganhou destaque como o maior conjunto arquitetônico do estilo barroco na Bahia. A cidade respira valores históricos. Recebeu os primeiros passos da independência do Brasil em relação à Portugal, e a passagem de Dom Pedro II deixou marcas que são valorizadas até hoje. Entre suas tradições e rituais, encontra-se a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, formada por mulheres negras, descendentes de escravos, festas populares e culinária diferenciada (NETO, 2011).

O cenário de Cachoeira é composto por uma estrutura arquitetônica que descreve muito bem a economia do lugar, mostrando claramente as formas de convívio da época de sua fundação. Rocha (2015, p. 184) ressalta que:

O município que fica localizado na Baía de Todos os Santos, as margens do Rio Paraguaçu, possui uma arquitetura com base nos estilos coloniais e neoclássico e mantém prédios originários dos séculos XVIII e XIX. Dentre as principais atrações turísticas está a Igreja Matriz de Deus Menino, edificada no final do século XVIII, que possui um acervo composto por imagens sacras; a Fundação Hansen Bahia, no mesmo prédio onde morou o artista xilógrafo Karl Heinz Hansen; a fábrica de charutos Dannemann, onde o visitante pode acompanhar o processo de fabricação do produto, entre outros.

Segundo Fernandes e Oliveira (2015), o século XX foi caracterizado pelo declínio e consequente estagnação econômica no município de Cachoeira. Como fatores cruciais nesse processo destacam-se: as crises do fumo e do açúcar, que foram iniciadas no final do século XIX; com a chegada da Petrobras (em meados do século XX) na região do Recôncavo, o que favoreceu alguns municípios em detrimento de outros como Cachoeira. Essa estagnação da economia perdurou até o início do século XXI. Rocha (2015, p.196) aponta que:

A estagnação econômica que atingiu a cidade num determinado momento de sua existência, de alguma forma, foi responsável pela sua preservação, evitando a pressão modernizadora que atingiu outras cidades é, também responsável pelas dificuldades enfrentadas pela população de Cachoeira para a preservação de seu patrimônio.

A retomada do crescimento econômico iniciou-se no século XXI, com o início do Programa Monumenta, restaurando o patrimônio arquitetônico do município. A instalação do polo de curtimento da Mastrotto Brasil S.A., em 2000, e a implantação do Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal da Bahia e o campus da UFRB trouxeram a retomada do desenvolvimento (FERNANDES; OLIVEIRA, 2015).

Atualmente, a cidade conta com uma população de 32.026 habitantes, estimada para o ano de 2015 em 34.535 habitantes. Sua área territorial é de 395,223 km² e possui uma densidade demográfica de 81,03 hab./km². O índice de desenvolvimento humano no ano de 2010 foi de 0,647, e o PIB per capita no valor de R\$ 15.294,00 no ano de 2012 (IBGE, 2015). A exploração é dominante, os recursos são repartidos de forma injusta e desigual. Aqueles que são descendentes de escravos e mestiços ainda trabalham ao seu próprio custo por um pedaço de terra alugado, sublocado ou cedido pelos donos. Essas pessoas cultivam diversos produtos para sua subsistência: a mandioca, o dendê, a laranja, o feijão, entre outros alimentos que geralmente comercializam por preços baixos em latifúndios e também em feiras comerciais em cidades próximas (MARCELIN, 1996).

A cidade de Cachoeira, patrimônio histórico mundial, representa inquestionável exposição da arte colonial, não apenas pela expressão de sua história, mas pela excepcionalidade do acervo cultural que preservou; possui um amplo leque de atividades, que podem ser desenvolvidas e aproveitadas para a busca de uma economia de forma sustentável, valorizando assim a sua arte, seu estilo colonial e a cultura forjada a partir da sua história. Todos os fatores criativos que a cidade possui podem fomentar a economia criativa, sendo uma das soluções para o seu crescimento econômico e redistribuição de renda.

6 PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Esta pesquisa constitui-se, quanto aos fins, em um estudo exploratório. Busca-se, aqui avaliar o potencial da cidade de Cachoeira em relação ao seu potencial como cidade criativa. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa. Para a realização da investigação quanto aos meios, partiu-se inicialmente da pesquisa bibliográfica, cujas referências consultadas estão apresentadas no referencial teórico deste artigo. Os autores seminais foram: Florida e Reis para tratar de criatividade, Howkins e Tolila para tratar do histórico e estruturação do conceito da economia criativa e Reis e Florida para o conceito de cidade criativa. As áreas onde a economia criativa é aplicável foram retiradas do relatório do Plano da Secretaria da Economia Criativa.

Tal método de pesquisa - a pesquisa bibliográfica - foi relevante e permitiu a melhor apropriação dos conceitos que fundamentam a temática, principalmente porque a "Economia Criativa" é um conceito em construção e um campo novo de pesquisa, existindo poucas obras ainda publicadas acerca de tal tema.

Foi utilizada a pesquisa de campo para levantamento de dados primários do estudo abordado. Severino (2007, p. 122) relata que nessa tipologia de pesquisa "o objetivo/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo [...] diretamente observados [...] por parte do pesquisador".

Como instrumento de coleta de dados optou-se pelo questionário. O instrumento foi construído com a utilização de um *software* estatístico - o Sphinx - e foi aplicado pelas pesquisadoras. Em se tratando do universo da pesquisa ter como participantes os moradores da cidade de Cachoeira, no estado da Bahia, considerou-se como universo os 34.535 moradores que se constituem como a população do município, segundo a estimativa do IBGE para 2015. Para testar o instrumento de coleta de dados, a unidade de análise, inicialmente, aplicou-se o pré-teste com 18 pessoas e, em seguida, foi utilizado como base o cálculo da amostra aleatória simples, através do qual foi obtida uma amostra de 180 pessoas.

A coleta de dados, realizada por meio de questionários estruturados com perguntas fechadas e abertas, possibilitou a obtenção de dados precisos de caráter qualitativo, obtendo 95% de confiabilidade da pesquisa e erro de 5%.

Após a aplicação dos instrumentos de coleta de dados do pré-teste, não foi necessária nenhuma alteração no questionário, procedendo-se a coleta de dados nos meses de setembro e outubro do ano corrente. Após finalização de tal procedimento, tabulou-se os dados através do programa mesmo *software*, permitindo assim, a organização dos dados, transformando-os em informação.

As informações geradas foram analisadas a partir da técnica de análise de conteúdo que segundo Bardin (1977 apud CAMPOS, 2004, p. 612) é "um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens". Dessa forma, a análise proporciona o entendimento acerca dos resultados, demonstrando sua versatilidade, visto que é uma ferramenta eficaz para análise de dados qualitativos.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada com moradores da cidade contribuiu de forma decisiva para a compreensão acerca de uma análise potencial do município em relação à Economia Criativa.

Em relação ao perfil dos respondentes, verificou-se que, para a amostra adotada, a maioria era do sexo feminino [56%], possuía de 15 a 35 anos [67%] e renda familiar de até três mil reais [86%]. Quanto à formação escolar, 44% possuía ensino médio e 29% estava em formação universitária em nível de graduação.

Esse resultado pode ter sido influenciado pelo fato de que a Cidade de Cachoeira abriga dois importantes centros de formação universitária.

No percurso da pesquisa, 62% dos respondentes declarou ser cachoeirano e desenvolver, profissionalmente, as seguintes atividades: estudante, auxiliar administrativo, vendedor, professor, funcionário público, agente de saúde, músico, bancário, aposentado, empresário, advogado, entre outros.

A seguir buscou-se avaliar a percepção dos respondentes em relação às condições de morar em Cachoeira, já que para formar uma cidade criativa é necessário desenvolver condições de identificar, nutrir, atrair e manter talentos (LANDRY, 2011).

Os respondentes afirmam identificar-se com a Cidade de Cachoeira [64%]. Apenas 16% concorda plenamente que o município oferece qualidade de vida e 57% concorda parcialmente com tal oferta. Ao serem questionados quanto ao que o município oferece para eles, 47% fez referência à qualidade de vida ofertada e 45% mencionou a oportunidade de estudo.

Os dados apontados nos gráficos 1, 2 e 3 devem ser analisados cuidadosamente pois, segundo Martins (2011), as cidades criativas devem ser vistas pela classe criativa como atrativa a partir dos seus insumos locais. Nesse sentido, a qualidade de vida têm a capacidade de promover o desenvolvimento da economia, já que estimula a atração dos múltiplos talentos. A cidade deve criar estratégias para aproximar e segurar profissionais relacionados à área (LANDRY, 2011).

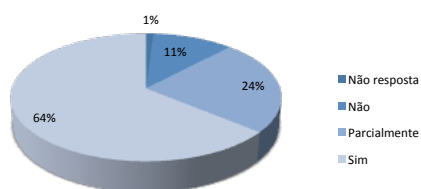


Gráfico 1- Identificação com Cachoeira
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

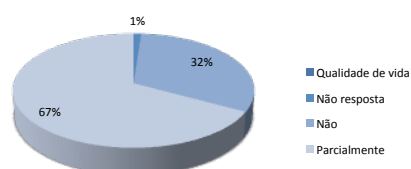


Gráfico 2- Qualidade de vida do município
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

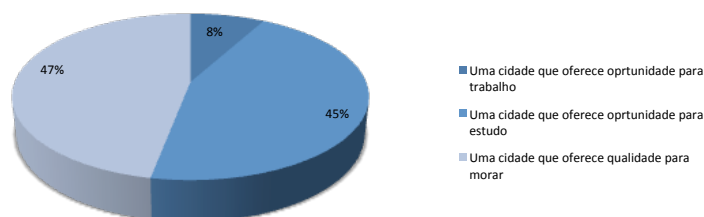


Gráfico 3- Representação do município para os moradores.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Muitos são os fatores que podem contribuir para a estruturação de um território. É relevante o cuidado com o *hard* e com o *soft* da cidade; isso deve incluir: educação, trabalho, saúde, segurança, infraestrutura, criatividade, cultura e respeito ao meio ambiente. Verhagen (2011) diz que a cidade deve oferecer as características básicas que todos gostamos de ver em uma cidade. Deve ser limpa, verde e segura. Deve ter uma identidade distintiva e oferecer atividade suficiente. Uma cidade criativa que é atraente para todos é uma cidade com boas oportunidades.

Os respondentes mostram-se medianamente satisfeitos com a educação [44%] e muito insatisfeitos

com as oportunidades de trabalho [34% péssimo e 33% ruim], o que reforça os 8% apontados para a identificação da cidade como uma cidade que oferece oportunidade de trabalho [Gráfico 3]. A oportunidade para estudo merece uma melhor análise, pois deve ser influenciada pela oferta de vagas na universidade pública – UFRB e nas faculdades privadas – FADBA e SALT, disponíveis no território.

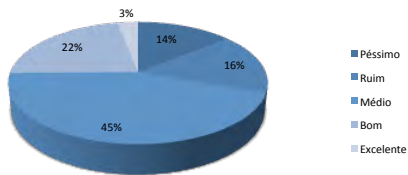


Gráfico 4- Educação
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

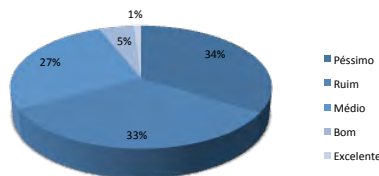


Gráfico 5- Oportunidade de trabalho
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Ao buscar avaliar os fatores saúde [38% péssimo e 24% ruim], segurança [29% péssimo e 33% ruim], infraestrutura [25% péssimo e 39% ruim] e meio ambiente [16% péssimo e 30% ruim] estes ficaram muito mal avaliados. Houve um grau significativo de insatisfação em relação a esses aspectos. Cabe destacar que são quatro fatores relevantes no que se classifica como *hard* em uma cidade criativa. Os achados são destacados nos gráficos 5, 6, 7 e 8, apresentados a seguir.

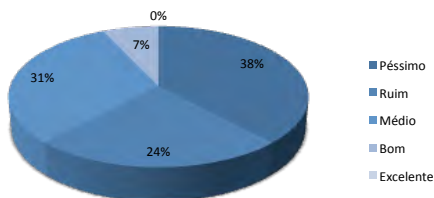


Gráfico 5- Saúde
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

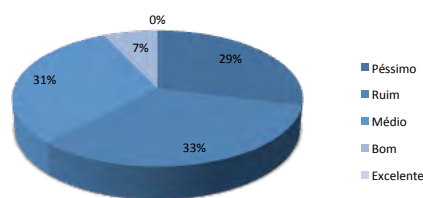


Gráfico 6- Segurança
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

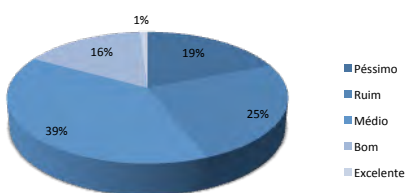


Gráfico 7- Infraestrutura
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

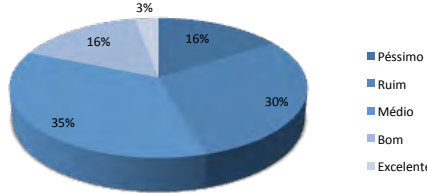


Gráfico 8- Meio Ambiente
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

As cidades, regiões e nações destacam a criatividade e possíveis contribuições dessa como relevante para o desenvolvimento territorial (LANDRY, 2011). A criatividade torna-se um grande diferencial a ser identificado, desenvolvido e investido. Nesse quesito, a criatividade local foi classificada como mediana [31%], boa [20%] e excelente [11%]. Há aí um reconhecimento do potencial criativo da população local. Pensando ainda nos aspectos *soft*, questionou-se sobre cultura e meio ambiente. A cultura tem uma boa representatividade para os moradores [33% excelente, 32% bom e 22% médio] há aí, também, um reconhecimento do

potencial de cultura do município, pois a cidade de Cachoeira possui um patrimônio histórico reconhecido mundialmente, que expressa sua história, dispendo de atividades que podem ser desenvolvidas e aproveitadas como potencial para um desenvolvimento sustentável. Cultura e criatividade podem fomentar a economia criativa, sendo uma solução para o crescimento econômico e a redistribuição de renda.

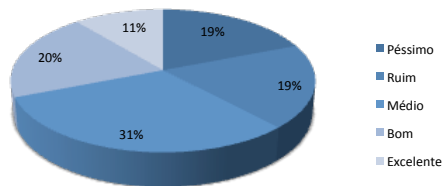


Gráfico 8- Criatividade

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

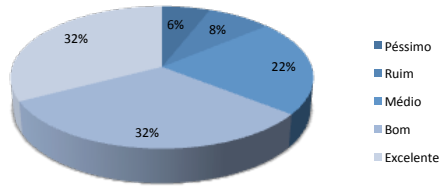


Gráfico 9- Cultura

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Baseado nas atividades da indústria criativa em Cachoeira, a grande maioria dos respondentes teve respostas entre médio e bom em relação à perspectiva de existência dessas atividades na cidade. Sendo que algumas dessas atividades são desconhecidas por muitos, sendo elas: sítios arqueológicos, vídeo-games, o design de moda, design gráfico, design de interiores, design paisagístico e serviços de arquitetura, atribuindo a inexistência de tais no município. Dentro desse mesmo quadro de atividades, as festas, manifestações populares e feiras de arte, artesanatos etc. foram as que obtiveram maior grau de satisfação pelos moradores da cidade.

Os resultados mais significativos foram: museus, com 36% de médio; sítios arqueológicos, com 54% para inexistente; paisagens e patrimônios naturais, com 33% para bom; espetáculos de arte, com 34% para bom; festas e festivais, com 44% para bom e 26% para excelente; feiras, com 41% para bom; pintura, com 33% para médio e 27% para bom; escultura, com 37% para bom e 15% para excelente; fotografia, com 38% para bom; artesanato, com 41% para bom; materiais impressos, com 32% para bom; bibliotecas, com 28% para bom e 27% para médio; feiras do livro, com uma posição bem equilibrada entre os fatores apontados 17% para excelente, 20% para bom, 21% para médio, 16% para ruim, 10% para péssimo e 16% para inexistente; cinema e vídeo, com 42% para bom e 13% para excelente; TV e rádio, com 36% para bom; internet, com 32% para médio e 17% para ruim; vídeo games, com 34% para inexistente; design de moda, com 26% para inexistente; design gráfico, com 22% para inexistente; design de interiores, com 28% para inexistente; design paisagístico, com 22% para inexistente; serviços de arquitetura, com 29% para médio; e serviços de publicidade, com 28% para bom.

Ainda visando entender o potencial para o desenvolvimento da economia criativa no município, questionou-se aos respondentes sobre o potencial da criatividade para gerar o desenvolvimento econômico individual e coletivo. Nesse sentido, não há um posicionamento de concordância no que diz respeito ao desenvolvimento econômico individual, pois apenas 36% dos respondentes concorda parcialmente [17%] ou totalmente [19%] com essa possibilidade.

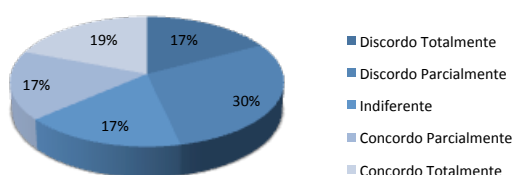


Gráfico 10- Criatividade e potencial econômico individual

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Sobre o potencial da criatividade para gerar o desenvolvimento econômico coletivo, também não há um posicionamento de concordância; amplia-se, nessa questão, o nível de discordância, pois 56% dos respondentes discorda parcialmente [32%] ou totalmente [24%] dessa afirmação.

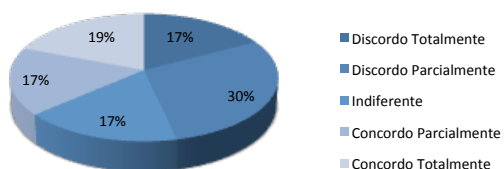


Gráfico 12- Criatividade e potencial econômico coletivo
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Sobre o reconhecimento do poder da economia criativa, há similar posicionamento, pois 50% dos respondentes discorda da afirmação.

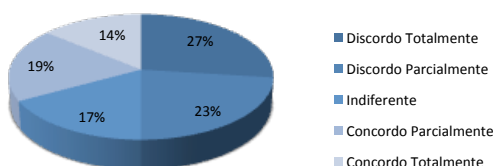


Gráfico 13- Poder da Economia Criativa
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Ao buscar entender Cachoeira a partir do posicionamento de Florida (2001), que aponta a tecnologia, a tolerância e o talento como um novo meio de entender a economia criativa e seus impactos sobre o desenvolvimento econômicos, foram elaborados os questionamentos dos gráficos 14, 15 e 16. Os 3 Ts devem operar juntos para desenvolver o crescimento econômico no município, pois a classe criativa só pode ascender quando a administração pública e sociedade civil se organizam de forma imaginativa, gerando inovações sociais e permitindo que a criatividade exista.

Verifica-se, no gráfico 14, que os respondentes não reconhecem que os gestores municipais estimulem os talentos para a geração de negócios. Nesse caso, 36% dos respondentes afirmaram discordar totalmente, e 17% discordam parcialmente dessa afirmação.

Em relação ao nível de promoção a todos, a partir das ações dos atores sociais, o nível de discordância amplia-se: 43% discorda totalmente e 21% discorda parcialmente, perfazendo 64% de insatisfação [Gráfico 15].

Quanto ao nível de tecnologia, também há discordância, pois 27% discorda totalmente e 34% discorda parcialmente.

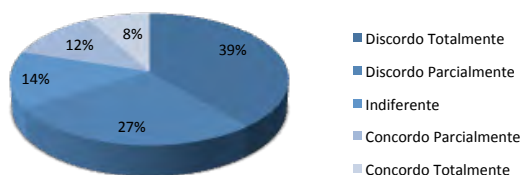


Gráfico 14- Município estimula os talentos benéficos de todos.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

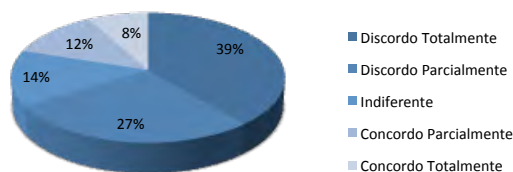


Gráfico 15- Atores sociais promovem e geração de negócios.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

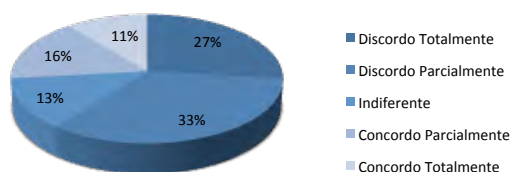


Gráfico 16- Tecnologia existentes
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

A partir dos resultados apresentados, pode-se verificar que a classe criativa que é caracterizada pela conjugação dos seguintes elementos: conhecimento, capacidade de dominar a tecnologia, talento individual e tolerância, ainda é pouco reconhecida pela população em geral. Reconhece-se o potencial cultural, mas não há ainda um reconhecimento quanto aos benefícios da economia criativa para gerar potencial de desenvolvimento no território, apesar de ser esse município uma comunidade diversificada.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição da economia criativa para o município de Cachoeira-BA pode gerar grandes impactos econômicos, visto que a cidade possui um vasto campo a ser explorado, porém as percepções das pessoas podem ainda ser limitadas em relação à sua amplitude e à percepção de melhorias. É fato que se faz necessário a união de diversos setores para a construção de um novo cenário.

Numa rapidez cada vez maior, o assunto da Economia Criativa repercute mundialmente, abordando assim diversos autores e segmentos que requerem atenção. Com base nos resultados contidos no trabalho, o fator relevante foi a identificação dos participantes com o município, sendo que estes vivem no município pela qualidade para morar e estudar; revelaram-se aspectos fundamentais como a educação, que se tornou um fator crítico, em que preponderantemente pode resultar nas perspectivas de poucas oportunidades para trabalho. O município possui uma potencialidade criativa a ser explorada, visto que a população possui um alto nível de interação com a cultura, mas desconhece algumas atividades das indústrias criativas.

Quanto aos resultados obtidos, verifica-se que o município não desenvolve a criatividade como uma via econômica para ganho coletivo e individual, desacreditando que a economia criativa possa transformar e incluir ao desenvolvimento local.

Esta pesquisa revela que os participantes, ou seja, moradores, possuem uma autoestima muito baixa e, em relação às perspectivas de mudanças e melhorias para o município, desacreditam que a economia criativa tenha o poder de transformar, incluir e repartir, porém torna-se necessário o apoio dos atores sociais para a implantação de novas políticas de estímulo, atualização e investimentos tecnológicos, que propor-

cionem avanço, de maneira a ampliar suas perspectivas de melhoramento em diversos setores, para que a cidade se torne criativa.

Daí a importância da inserção dos moradores em projetos de desenvolvimento que fomentem sua cultura de maneira mais significativa. Abertura de oportunidades com eventos e proporcionar condições para que consigam apresentar e desenvolver seus talentos e sua criatividade, apontando formas possíveis, projetos incorporados dentro de um contexto sustentável, de modo que a sua aplicação seja baseada nas necessidades dos cachoeiranos, garantindo seu desenvolvimento enquanto cidadão, que tem o direito de mudar sua realidade e história, mesmo em meio às dificuldades existentes. A predisposição dos moradores é só o início que aponta para uma necessidade emergente, que deve ser transformada. Fica aqui a sugestão de aceitação de fomento da economia criativa na cidade e na vida dos moradores, até mesmo um remodelamento que viabilize e facilite cada vez mais o processo de desenvolvimento da cidade.

REFERÊNCIAS

- BAHIA. Governo do Estado. **Bahia criativa:** diretrizes e iniciativas para o desenvolvimento da economia criativa na Bahia. Salvador: O governo, 2014.
- BALDIN, S. **Turismo Cultural em Cachoeira (BA):** os Grupos Artístico- Culturais. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.rosana.unesp.br/Home/graduacao/turismo4761/revistadialogandonoturismo5272/v1n4a5.pdf>> Acesso em: 26 abr. 2015.
- BRANDÃO, M. (org.). **Recôncavo da Bahia:** Sociedade econômica em transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado;+ Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.
- BRANDÃO, M. Os vários Recôncavos e seus riscos. **Revista do Centro de Artes, Humanidade e Letras,** Bahia, v. 1 (1), 2007.
- BENDASSOLLI, P.; WOOD JR., T.; KIRSCHBAUM, C.; CUNHA, M. P. **Indústrias Criativas: definição,** limites e possibilidades. *Revista de Administração de Empresas,* São Paulo, v. 49, n. 1, p. 10-18, 2009.
- CAMPOS, C. Método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira Enfermagem,** Brasília (DF), 2004 set/out; 57 (5): 611-4.
- COSTA, A. **Arranjos de sobrevivência:** autonomia e mobilidade escrava no Recôncavo Sul da Bahia (1850-1888). 2009. Dissertação. (Programa de Pós-graduação em História Regional e Local) - Universidade do Estado da Bahia, Bahia, 2009.
- FACULDADE ADVENTISTA DE ADMINISTRAÇÃO DO NORDESTE. **Estudo das potencialidades empreendedoras de renda e trabalho no Recôncavo delimitado.** Cachoeira: NERAN/FAPESB, 2004. 467p.
- FERNANDES, R.; OLIVEIRA, L. **Evolução econômica do município de Cachoeira (BA):** do século XVI ao século XXI. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/ascmpa/article/viewFile/3747/3431>> Acesso em 03 mai. 2015.
- FLORIDA, R. **A ascensão da classe criativa.** Tradução: Ana Luiza Lopes. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- FRAGA FILHO, W. **Encruzilhadas da liberdade:** histórias de escravos libertos da Bahia. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.
- HOWKINS, J. **Economia criativa:** Como ganhar dinheiro com ideias criativas. São Paulo: M. Books do Brasil, 2013.
- IBGE- Instituto Brasileiro de geografia e estatística. **IBGE Cidades.** Cachoeira, Bahia. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=290490&search=bahia|cachoeirainfograficos:-historico>> Acesso em: 15 abr. 2015.
- KIRSCHBAUM, C. (et al). (org.). **Indústrias criativas no Brasil.** São Paulo: Atlas, 2009.
- MARCELIN, L. **A invenção da família afro-americana:** família, parentesco e domesticidade entre os negros

- do Recôncavo da Bahia, Brasil. 1996. Tese. (Doutorado em antropologia social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. **Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações.** Brasília, 2011-2014.
- MENEGHEULLI, L. **O Ambiente das Organizações na Era da Globalização.** Santa Catarina, 2002. Disponível em: <www.icpg.com.br/hp/revista/download.exec.php?rpa_chave=6e1f062e65e1821e2be4> Acesso em: 23 abri. 2015.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. **Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações,** 2011-2014. Brasília, 2012.
- MUNDSTOCK, E. (et al). **Introdução à análise estatística utilizando o SPSS 13.0.** Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://euler.mat.ufrgs.br/~giacomo/Manuais-softw/SPSS/manual_spss_jandy.pdf> Acesso em 01 jun. 2015.
- NETO, A. **Na cidade histórica de Cachoeira, na Bahia, rituais católicos se misturam com preceitos do candomblé.** Disponível em: <<http://viagem.uol.com.br/noticias/2011/06/06/roteiro-de-cultura-historia-e-religiosidade-em-cachoeira-na-bahia.htm>> Acesso em 06 nov. 2015.
- NEWBIGIN, J. **A Economia Criativa: Um guia introdutório.** Série Economia Criativa e Cultural. Reino Unido: British Council, 2010.
- PEDRÃO, F. Novos e velhos elementos da formação social do Recôncavo da Bahia de Todos os Santos. **Revista do Centro de Artes,** Humanidades e Letras, Bahia, v. 1 (1), 2007.
- REIS, A.; KAGEYAMA, P. (org.). **Cidades criativas: perspectivas.** São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.
- REIS, A. (org.). **Economia criativa: como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento.** São Paulo: Itaú Cultural, 2008.
- ROCHA, R. **Cachoeira-** Jóia do Recôncavo Baiano. Tucano, BA: Gráfica Rápida, 2015.
- SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, A. **Lavoura fumageira do Recôncavo da Bahia: uma tentativa de caracterização (1773- 1831).** Trabalho de conclusão de curso. (Estudante do Curso de História) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Bahia.
- SOUZA, J. **Vozes da abolição: escravidão e liberdade na imprensa abolicionista cachoeirana (1887- 1889).** 2010. Dissertação. (Programa de Pós-graduação em História Regional e Local) - Universidade do Estado da Bahia, Bahia, 2010.
- TOLILA, P. **Cultura e economia: problemas, hipóteses, pistas.** São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2007.
- VELLOSO, J. (coord.). **Desenvolvimento humano, "indústrias criativas", favelas e estatutos do homem (ode ao amor, à vida e à liberdade).** Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL X INVESTIMENTO ORGANIZACIONAL: UMA ANÁLISE EM PEQUENAS E MICROEMPRESAS

Diego Guedes Oliveira [diegoguedes987@hotmail.com], Elisangela Souza Santos [eliveredda@hotmail.com] e Ricardo Costa Caggy [rickcosts@hotmail.com]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as estratégias adotadas por pequenas e microempresas da cidade de Cachoeira, no estado da Bahia, com o intuito de investir no desenvolvimento profissional dos seus colaboradores e avaliar em que medida os investimentos realizados possibilitam o desenvolvimento profissional, permitindo o crescimento do principal ativo das organizações - o conhecimento. Considerada mais apropriada à natureza e ao objetivo da pesquisa, a metodologia utilizada foi a exploratória e descritiva, baseada em uma análise bibliográfica sobre Gestão do Conhecimento, Desenvolvimento Profissional, Cultura Organizacional e Investimentos em Capital Humano nas empresas de pequeno porte. Este trabalho teve como embasamento os dados obtidos da pesquisa de campo, através dos questionários aplicados aos empregados das micros e pequenas empresas da cidade de Cachoeira. Constatou-se, com o resultado desse levantamento, a necessidade de os colaboradores das micro e pequenas empresas de Cachoeira atentarem quanto à sua capacitação profissional, pois demonstraram satisfação apenas com a qualificação que as empresas oferecem.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento profissional. Capital Humano. Cultura Organizacional.

1 INTRODUÇÃO

Diante de um mercado altamente competitivo, em que as pessoas buscam o desenvolvimento profissional para aprimorar o trabalho através de conhecimentos distintos daqueles aprendidos na prática organizacional e, conseqüentemente, melhorar a sua atividade cotidiana, colaboradores e organizações dividem dificuldades, limitações e oportunidades neste campo.

As necessidades de desenvolvimento profissionais são inerentes ao processo de melhoria da competitividade organizacional, contudo muitas vezes as organizações enxergam esse investimento como um custo alto e, por vezes, desnecessário, tendo em vista a rotatividade e a disponibilidade de mão-de-obra. Por outro lado, o mercado consumidor exige cada vez mais qualidade na prestação de serviço, e as facilidades de novos entrantes no mercado, além da disponibilidade gerada pela internet, são fatores que contribuem para as pressões em todas as organizações, mesmo aquelas que atuam apenas localmente.

Apesar da necessidade fundamental para a sobrevivência organizacional de investir em capital humano, no Brasil, esses investimentos ainda são desvalorizados pelas Pequenas Empresas que, quando realizados, são focalizados na prática organizacional (treinamentos) e de forma incremental, sem planos de formação e de valorização do profissional qualificado.

Nesse contexto, busca-se com este artigo responder à seguinte questão de partida: **Em que medida a cultura organizacional influencia as Pequenas Empresas de Cachoeira a investir no desenvolvimento profissional dos seus colaboradores?**

Desta forma, objetiva-se com este estudo identificar o nível de investimento das pequenas empresas para o desenvolvimento de seus colaboradores; além disso, verificar os fatores influenciadores no investimento dos colaboradores das pequenas empresas da cidade de Cachoeira; e avaliar em que medida os investimentos realizados possibilitam o desenvolvimento profissional dos colaboradores, permitindo o crescimento do principal ativo das organizações, o conhecimento.

A reestruturação organizacional precisa acompanhar os avanços tecnológicos visíveis no cotidiano, onde a escassez de aperfeiçoamento/atualização transforma o profissional num perfil inadequado ao mundo moderno. Desta forma, julga-se interessante esta pesquisa para entender, fortalecer e alicerçar a

mudança gerencial necessária.

Para atingir o objetivo da pesquisa, foram realizadas pesquisas exploratória e descritiva, abrangidas no campo quantitativo. A coleta de dados deu-se através de questionários aplicados nas Micro e Pequenas Empresas de Cachoeira-BA. Das 117 empresas registradas, obteve-se resultados de 99 empregados.

O trabalho inicia-se com um esclarecimento do assunto, apresentando alguns conceitos sobre os principais temas abordados. Seguindo, encontra-se o método adotado na execução do estudo. A análise e discussão dos dados são tratadas na quarta parte. Por fim, são apresentadas as principais conclusões a respeito do tema.

2 GESTÃO DO CONHECIMENTO

Na atualidade, vive-se em um ambiente cada vez mais turbulento, onde vantagens competitivas precisam ser cada vez permanentemente reinventadas, e setores de baixa intensidade em tecnologia e conhecimento perdem inexoravelmente participação econômica. Neste contexto, o desafio de produzir mais e melhor vai sendo superado pelo desafio permanente de criar novos produtos, serviços, processos e sistemas gerenciais. É válido ressaltar que, por sua vez, a velocidade das transformações e a complexidade crescente dos desafios não permitem mais concentrar esforços em alguns ou poucos indivíduos ou áreas das organizações.

As organizações estão diante de uma nova dialética empresarial, onde o sucesso é fruto da aceitação dos novos paradigmas, que movem a sociedade que se forma (SILVA e QUIROS, 2006). Perante essas modificações, as teorias organizativas buscam ascender aos padrões de mudanças necessários à evolução das empresas e, neste cenário, surge a direção do conhecimento nas organizações, que visa atender às novas necessidades das organizações em gerir de maneira eficaz o principal ativo das organizações, que é o conhecimento.

Gestão do conhecimento é, muitas vezes, discutida na literatura de negócios e dentro de um contexto de ferramentas comerciais, ignorando-se a questão da natureza do conhecimento e simplesmente tratando-se informações e conhecimento como sinônimo.

Para Drucker (1999 apud BITENCORT E GONÇALO, 2004), o conhecimento vem sendo identificado como a mais importante fonte de vantagem competitiva e de performance sustentável da organização. Assim como uma importante fonte de excelência de performance em ambientes turbulentos.

A gestão do conhecimento é então aclamada como uma abordagem holística da gerência de informação. No entanto, se pretende gerir conhecimento, é melhor entender o que se quer gerir antes de prosseguir (BARROSO e GOMES, 1999).

Saber onde encontrar aquilo de que se precisa, de forma rápida e eficiente, pode ser mais importante do que acumular informações, sobre tudo nestes tempos de conectividade em tempo real e em escala global. As empresas que adotam abordagens bem-sucedidas à administração do conhecimento "selecionam seus alvos" identificando processos de alto retorno para os quais uma melhor administração do conhecimento é capaz de render resultados empresariais significativos (por exemplo, no processo de desenvolvimento do produto). Em muitos casos, é preciso modificar os processos da empresa para poder acrescentar valor por meio de uma melhor administração do conhecimento (SILVA, 2002, p.142).

Para o profissional manter-se no mercado na economia de hoje, baseada no conhecimento, é preciso que haja comprometimento com a aprendizagem contínua durante toda a carreira. Gerir o conhecimento numa organização, pois, implica criar um ambiente de aprendizagem contínuo, e quando isso acontece se estabelecem as condições para que sejam desenvolvidas as competências profissionais.

Luchesi (2012) aponta a gestão do conhecimento como parte da premissa de que todo o conhecimento existente nas organizações, nas cabeças das pessoas, nas veias dos processos e no coração dos departamentos pertencem também à organização. Em compensação, todos os colaboradores desfrutarão de todo

conhecimento que existir na organização, deste modo tem reconhecido que o conhecimento é necessário para mantê-las competitivas no mercado e melhorar significativamente o seu desempenho. Mas Luchesi (2012) ainda aborda que, para implementar uma Gestão de Conhecimento, é necessário garantir uma boa comunicação interna, ou seja, explicar a todos os colaboradores da organização qual o seu papel e sua verdadeira importância.

Devido às complexidades que encontramos para entrar no mercado de trabalho, torna-se cada vez mais complexo analisar ou escolher uma organização que pareça com o perfil do empregado, por esse motivo as organizações vêm valorizando os empregados multitarefas. O novo ambiente empresarial, caracterizado por profundas mudanças, e pela necessidade de respostas cada vez mais ágeis, trouxe mudanças no perfil de gestores e de colaboradores que as empresas buscam.

As organizações necessitam gerenciar o conhecimento utilizado em seus processos de forma eficiente e efetiva para promover o aprendizado organizacional e preservar seu capital intelectual (ANDRADE et al, 2010).

Vários são os tipos e fontes de conhecimento, dentro e fora da organização. Sendo assim, propostas de Gestão de Conhecimento devem ser definidas e implementadas para transformar o conhecimento individual, ou de grupo, em conhecimento organizacional, adquirir conhecimento de fontes externas quando necessário, apoiar a representação, recuperação e disseminação do conhecimento e, desta forma, garantir que o conhecimento utilizado e criado por membros da organização, durante a execução dos seus processos, seja gerenciado de forma adequada.

Vieira e Garcia (2004) advertem que o conhecimento é um processo dinâmico de justificação da crença pessoal com relação à verdade. Diante dessa perspectiva, sobressai a importância de gerar crenças, compromissos, situações e interações apropriadas nas organizações, para que as informações sejam convertidas em conhecimento e possam circular livremente.

3 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Há, no mercado de trabalho, uma real dificuldade em encontrar profissionais capacitados. Neste cenário, as empresas tendem a investir em programas de qualificação e capacitação de profissionais para aumentar a produtividade do negócio, tendo em vista pessoas mais adequadas ao perfil da empresa. De acordo com Robbins (2009), empregados competentes não permanecem competentes para sempre. As habilidades deterioram-se e podem tornar-se obsoletas. É por isso que as organizações investem, todos os anos, bilhões de reais em treinamentos formais. Agindo dessa maneira, a responsabilidade quanto à capacitação profissional passa a ser uma responsabilidade da organização.

A necessidade de capacitação dos trabalhadores tem tornado-se um problema recorrente na Gestão de Pessoas Internacional. No entanto, a globalização acirra a competitividade, exigindo corte nos gastos (AGUZZOL et al, 2007). Pode-se notar que, nos últimos anos, as práticas empresariais mudaram quanto ao papel da organização na carreira de seus empregados, o desenvolvimento profissional quase sempre é discutido na perspectiva auto direcionada do empregado, sobre quem recai toda a responsabilidade de preparação e capacitação para atuação no mercado, principalmente quando se trata de pequenas empresas.

Nos últimos anos a globalização, a expansão da capacidade e os avanços na tecnologia impuseram às organizações a necessidade de agilidade e flexibilidade. Com resultado, a maioria dos administradores e funcionários trabalha hoje em um clima que pode ser definido como temporário. Os trabalhadores precisam atualizar seus conhecimentos e habilidades continuamente para atender às novas exigências do trabalho. (ROBBINS; JUDGE; SOBRAL, 2010, p.18)

O mercado tem exigido padrões de qualidade na prestação de serviços que impõem às organizações a necessidade do desenvolvimento dos seus recursos humanos. Esse debate amplia-se quando aspectos culturais e estruturais são inseridos, demonstrando assim um campo amplo para pesquisa e desenvolvimento dos estudos organizacionais.

De acordo com Arruda et al (2006), em razão desse novo cenário, novas competências são requeridas daqueles que pretendem participar e atuar ativamente nesse mercado de trabalho altamente competitivo, de concorrência acirrada e com grande grau de incertezas em face das mudanças cada vez mais rápidas e constantes.

A capacidade técnica, hoje tão exigida, está profundamente conectada a todas as outras que o ser humano tem ou que possa a vir desenvolver, sejam elas sociais, linguísticas ou relacionais. Arruda et al (2006) afirma ainda que, de outra parte, a forma de produção taylorista ignorou por um longo tempo a diversidade das competências humanas, pois a essa interessava apenas pessoas treinadas e capazes de executar tarefas altamente repetitivas.

Estamos vivendo em tempos em que não há segurança em “coisa” nenhuma, assim os empregados de hoje precisam aprender a lidar com a temporariedade. Eles precisam aprender a conviver com a flexibilidade, a espontaneidade e a imprevisibilidade (ROBBINS 2009).

As empresas modernas vêm buscando profissionais que estão sempre estudando e antecipando-se às mudanças conceituais e tecnológicas. Engana-se quem vê o profissional como um empregado que vive exclusivamente dedicado ao trabalho, não tem tempo nem oportunidade para renovar suas ideias e, com sua visão unidimensional, tenderá a contratar apenas pessoas que sigam seu estilo de trabalho, resultando em equipes dispostas a longas jornadas, mas pouco criativas. Nos limites de uma era digital, cuja dinâmica leva a refletir que, mais do que treinar pessoas, é preciso desenvolver ao máximo suas potencialidades, pois não são apenas mão-de-obra, raciocinam, opinam, podem criar soluções e inovar.

Campos (2001) ressalta que o líder moderno administra sua vida com a mesma competência com que conduz os negócios. Ou seja, sabe combinar trabalho e vida pessoal, obtendo realizações em ambas as frentes, o estímulo ao trabalho em conjunto, contudo, deve obedecer a alguns critérios. Desaulniers (1993) enfatiza que competência pode ser entendida como a “capacidade de relacionar conhecimentos e saberes junto aos postos de trabalhos, os quais são adquiridos através da formação e experiência”.

Podemos notar que, no Brasil, tem aumentado a faixa de pessoas buscando a qualificação profissional e indo contra os princípios e cultura de grandes organizações, fazendo com que essas pessoas se interessem em gerir o seu próprio negócio. Consequentemente, começam a surgir as micro e pequenas empresas, que não estão relacionadas apenas ao setor de serviços e produtos, mas também com grande influência na localidade em que se instalam.

Este é o novo contexto de competição das empresas, que tentam, em primeiro lugar, buscar a sobrevivência. E sobrevivência das empresas significa cada vez mais aprender a aprender, através de atividades de captação, assimilação e utilização do aprendizado, de forma permanente. Precisamos ter uma empresa inteligente, ágil e flexível, atuando como um organismo vivo e proativo.

É neste panorama que surge a oportunidade para a pequena empresa, pois, apesar de ser mais frágil, a empresa de pequeno porte conta com a vantagem de ter a capacidade de reagir mais rapidamente nesse novo contexto de mudanças constantes, onde o fazer é sinônimo de aprender.

4 CULTURA ORGANIZACIONAL

A cultura pode ser entendida como um sistema simbólico, tal como a arte, o mito, a linguagem, em sua qualidade de instrumento de comunicação entre as pessoas e os grupos sociais, que permite a elaboração de um conhecimento consensual sobre o significado do mundo; e também como um instrumento de poder e legitimação da ordem vigente.

Cultura trata-se do processo ou estado do desenvolvimento social de um grupo, povo ou nação, que resulta do aprimoramento de seus valores, instituições, desenvolvimento intelectual, criações civilizatórias, progresso hábitos, gostos, modos de sobrevivência, símbolos, crenças materiais e normas de comportamentos que regulam a ação humana individual e coletiva tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida

(PERES; COBRA, 2015, p.5).

O conceito de cultura é muito utilizado porque atende a várias necessidades e vários interesses da sociedade e dos próprios pesquisadores. Pires e Macedo (2006) ressaltam que a cultura serve como fator aglutinador para levar os membros do grupo em direção ao consenso, implicando a padronização.

A cultura tem sido abordada por acadêmicos, pelas organizações e pelos profissionais de gestão, o que demonstra a necessidade de compreender o fenômeno da cultura, que se manifesta de forma particular em cada ambiente.

Segundo Mintzberg (2003), a cultura na sua essência é composta por interpretações específicas. Interpreta-se o mundo a partir das atividades e dos artefatos que refletem as mesmas. Além da cognição, essas interpretações são compartilhadas coletivamente em um processo social.

O conceito de cultura tem evoluído bastante com o passar dos anos. Por ser um conceito complexo, tem gerado algumas polêmicas. Atualmente a cultura organizacional possui um campo próprio dentro dos estudos organizacionais. Wagner e Hollenbeck (2009) relatam que, no cerne da cultura de toda organização, existe um conjunto de normas e valores fundamentais que moldam os comportamentos dos membros e os ajudam a entender a organização.

Portanto, cultura é um conjunto de pressuposições básicas que um grupo inventou, descobriu ou desenvolveu ao aprender como lidar com os problemas de adaptação externa com e integração interna. Pires e Macedo (2006) enfatizam que a cultura implica estabilidade, enfatiza demonstrações conceituais serve como fator aglutinador para levar os membros do grupo em direção ao consenso, implica dinâmica e padronização.

Por outro lado, é certo afirmar que a cultura desempenha diversas funções em uma organização. Robbins (2010) relata que cultura é a argamassa social que ajuda a manter a organização coesa, fornecendo os padrões adequados para aquilo que os empregados devem fazer ou dizer. É necessário que todos os projetos, missão e visão façam parte da cultura da organização para que todos os colaboradores entendam a sua necessidade.

Toda organização desenvolve um conjunto básico de premissas, convicções e regras implícitas que governam o comportamento no dia a dia do trabalho. A maioria das grandes organizações possui uma cultura dominante e diversas subculturas.

A cultura dominante expressa os valores essenciais compartilhados pela maioria dos membros da organização, já as subculturas tendem a se desenvolver para refletir problemas, situações ou experiência comuns a alguns membros pertencentes a determinados departamentos ou separação geográfica. Robbins (2009) também afirma que, se as organizações não tivessem uma cultura dominante e fossem compostas apenas de diversas subculturas, o valor da cultura organizacional como variável independente seria sensivelmente reduzido.

4.1 INVESTIMENTOS EM CAPITAL HUMANO NAS PEQUENAS EMPRESAS

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), o Brasil possui mais de 6 milhões de micro e pequenas empresas formais, responsáveis por cerca de 25% do Produto Interno Bruto (PIB), gerando em torno de 60% da oferta de emprego do país. Silva (2014) aborda que, considerando as limitações e dificuldades levantadas pelas micros e pequenas empresas, faz-se necessário compreender que o crescimento, assim como a sua chance de sobrevivência no mercado, depende das pessoas que nelas trabalham. O autor ainda relata que a capacitação é indispensável para que o trabalho seja executado com eficiência e eficácia.

Na era da informação, é crescente a importância do capital intelectual da organização, no qual se insere o denominado capital humano, constituindo com os talentos, as competências e as experiências das pessoas. Enquanto o capital físico se desgasta, se deteriora, o conhecimento se valoriza e sedimenta a cada dia. Erpen et al (2015) afirma que a importância do conhecimento, demonstrada ao longo dos séculos, é

fundamental para o desenvolvimento ambiental, econômico e social de qualquer organização. Entende-se por capital humano toda capacidade, conhecimento, habilidade e experiência dos empregados.

O capital humano pode ser compreendido como pessoas estudadas e especializadas (CRAWFORD, 1993). São exemplos de capital humano os investimentos em educação, saúde e a busca por melhores empregos. Neste processo, o indivíduo abre mão do seu tempo de lazer na busca de melhor qualificação profissional, que lhe renderá bons futuros com maiores salários e conhecimento cultural (SOUZA, 2013).

Para Luchesi, o capital humano pode ser entendido da seguinte forma:

Capital humano é capacidade organizacional que uma empresa possui de suprir as exigências do mercado. Está nas habilidades dos trabalhadores em seus conhecimentos tácitos e nos obtidos nas suas informações profissionais, na busca permanente de atualização de saber, nas informações alcançáveis nas informações documentadas sobre clientes, concorrentes parceiros e fornecedores. Essencialmente diz respeito às pessoas, seu intelecto seus conhecimentos e experiências (LUCHESE, 2012, p.9).

O capital humano inclui também a criatividade e a inovação organizacional, observando-se com que frequência novas ideias são geradas dentro da empresa, ou com que frequência essas ideias são executadas, ou ainda, qual o percentual de sucesso na implementação dessas ideias.

De acordo com Oliveira (2001), a teoria do capital humano afirma que uma maior escolarização contribui diretamente para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos, em função de aumento de renda que decorre diretamente da sua melhor qualificação para o desempenho no mercado de trabalho. Em outras palavras, o incremento da produtividade decorrente do aumento da capacitação levaria a que o indivíduo também se beneficiasse pelo aumento do seu salário. Viana e Lima (2010) enfatizam que, para a teoria do capital humano, a educação torna as pessoas mais produtivas, aumenta seus salários e influencia o processo econômico.

O capital humano é um conjunto de competências produtivas que uma pessoa pode contrair, devido ao acúmulo de conhecimentos gerais ou específicos, que podem ser aproveitados na produção de riqueza. Assim, sua principal preocupação é decorrente de que os indivíduos tomam a decisão de investir em educação, levando em conta seus custos e benefícios, atribuindo, entre esses melhores rendimentos, maior nível cultural e outros benefícios não-monetários.

5 METODOLOGIA

Considerada mais apropriada à natureza e ao objetivo da pesquisa, a metodologia indicada foi a exploratória e descritiva. Segundo Gil (2010), pesquisa exploratória tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Já as descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população.

Este trabalho foi baseado na abordagem quantitativa, pois representa uma amostra de um universo, de forma que, através de generalizações dos dados, possa ser feita uma projeção do universo estudado. Também pode ser chamada de pesquisa fechada, devido ao uso de instrumentos estruturados para coleta de dados, como questionários.

Nos estudos quantitativos a, pessoa utiliza a teoria dedutivamente e a coloca no início da proposta de um estudo. Com o objetivo de testar ou de verificar uma teoria, em vez de desenvolvê-la, o pesquisador propõe uma teoria, coleta os dados para testá-la e reflete sobre sua confirmação ou não confirmação por meios dos resultados (CRESWELL (2010, p.85).

O universo pesquisado foi definido utilizando o critério de acessibilidades, os empregados de pequenas empresas da cidade de Cachoeira, todos aqueles que aceitarem participar da pesquisa voluntariamente. De acordo com a sondagem realizada na Câmara de Dirigentes Logísticos (CDL), a cidade de Cachoeira

possui 117 empresas registradas. Compreendendo que o levantamento abrange um universo de elementos consideravelmente grande, desta forma, cabe ressaltar que, quanto à sua totalidade, ficou impraticável considerá-la. Sendo assim, justifica-se a amostragem por acessibilidade.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário, que foi aplicado com empregados das Pequenas e Micro Empresas do município.

Em relação ao município, cabe destacar que Cachoeira foi um dos primeiros núcleos civilizados do território da Bahia. Sua história inicia-se no século XVI e a sua origem é datada pelos anos de 1595-1606, quando teria sido fundada a Capela de Nossa Senhora da Ajuda por iniciativa do Capitão Álvaro Rodrigues, que legou a seus descendentes o encargo de conservá-la (IBGE, 2015). Cachoeira hoje é considerada Monumento Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN).

Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2015 a população era estimada em 34.535 habitantes e sua área 395 quilômetros quadrados. Cachoeira é uma das cidades baianas que mais preservou a sua identidade cultural e histórica, o que a faz um dos principais roteiros turísticos históricos do Estado. A maior parte das atividades econômicas está no setor de serviço, seguido da indústria e agropecuária. Aproximadamente 537 empresas são atuantes no território, comum à população vinculada de 3.488 pessoas, que recebem em média 1,7 salários mínimos.

Os dados primários obtidos na pesquisa de campo foram analisados levando em consideração os indicadores estatísticos, bem como o conteúdo, e seguem apresentados nos resultados obtidos.

6 RESULTADOS OBTIDOS

Propõe-se aqui uma análise das estratégias adotadas por pequenas empresas da cidade de Cachoeira, com o intuito de investir no desenvolvimento profissional dos seus colaboradores a partir da influência da cultura.

Das empresas pesquisadas, representando a maioria dos respondentes, 68% são do sexo feminino e apenas 32% do sexo masculino. 70% tem entre 25 a 40 anos, 17% tem até 24 anos e 13,13% tem mais de 40 anos.

Para identificar a escolaridade, foi questionado se os colaboradores possuíam nível de escolaridade, e pode ser percebido que a maioria, ou seja, 82%, possuía apenas o ensino médio, 13% ensino superior e apenas 5% pós-graduação.

ESCOLARIDADE				
	Frequência	Média	Desvio Padrão	Variância
Ensino Médio	82%	1,25	0,55	0,31
Superior	13%			
Pós-Graduação	5%			

Tabela 1 - Nível de Escolaridade

Fonte: Elaboração própria (2015)

Os resultados revelam que os colaboradores não têm se preocupado quanto aos investimentos na carreira profissional, o que contradiz o gráfico abaixo, que demonstra que 72% dos empregados das organizações relataram que tem tido oportunidade, contra 16% que disseram ter oportunidade em parte, e 12% disseram que não estão tendo oportunidade nenhuma.

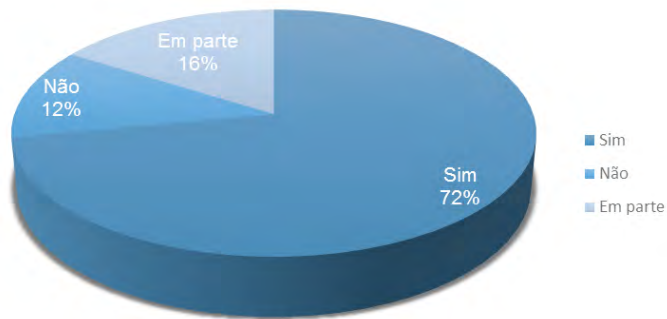


Gráfico 1 - Oportunidade de aprender e crescer no trabalho

Fonte: Elaboração própria (2015)

As organizações necessitam gerenciar o conhecimento utilizado em seus processos de forma eficiente e efetiva para promover o aprendizado organizacional e preservar seu capital intelectual (ANDRADE et al, 2010). Nota-se que o conhecimento é um valioso recurso estratégico, desempenhando um papel fundamental na vida das pessoas e também das organizações. Podemos observar alguns dados que indicam o crescimento profissional na tabela abaixo:

INDICADOR	Média	Desvio Padrão	Variância
Como você se sente em relação ao seu desenvolvimento profissional?	1,47	0,7	0,49
Considerando em termos de realização profissional com o trabalho que executa você está:	1,97	0,84	0,71
Considerando as oportunidades de crescimento oferecidas pela organização você está:	1,8	0,7	0,5
Você tem tido oportunidades de aprender e crescer no trabalho?	1,41	0,7	0,49

Tabela 2 - Indicadores Crescimento Profissional

Fonte: Elaboração própria (2015)

Em relação as oportunidades de aprender e crescer no trabalho, os dados demonstram que 72% dos empregados das organizações relatou que tem tido oportunidade, contra 16% que disse que está tendo oportunidade, mas em parte, e 12% disse que não estão tendo oportunidade nenhuma.

Considerando as oportunidades de crescimento oferecida pela organização, observou-se que 46% dos respondentes está mais ou menos satisfeito, 37% satisfeito e apenas 17% nada satisfeito. Em relação a quantidade de treinamento que vem recebendo para melhor executar o trabalho 46% dos respondentes está mais ou menos satisfeito, 32% respondeu estar satisfeito e 22% não está nada satisfeito. Considerando em termos de realização profissional com o trabalho que executa, 44% disse estar satisfeito, 32% nada satisfeito e 24% mais ou menos satisfeito. Esses dados se contradizem quanto à tabela acima, que informa que a maioria dos empregados apenas possui o ensino médio como formação profissional.

A pesquisa permite afirmar que os empregados neste momento precisam entender que as organizações estão diante de uma nova dialética empresarial, onde o sucesso é fruto da aceitação dos novos paradigmas, que movem a sociedade que se forma (SILVA e QUIROS, 2006). Desta forma, indivíduos capacitados são importantes tanto para a nação, da qual fazem parte, quanto para si próprios, já que a economia atual é uma economia baseada no conhecimento. E os mesmos apontaram que o crescimento profissional é considerado indispensável à permanência do empregado na casa.

A cidade tem mantido a sua preservação cultural e, atualmente, para que uma organização venha sobreviver é preciso aprender a conviver com a flexibilidade, a espontaneidade e a imprevisibilidade (ROBBINS, 2009). Para melhor compreender os significados sobre a cultura organizacional foram realizados alguns questionamentos que podem ser observados na tabela a seguir:

INDICADOR		Frequência	Média	Desvio Padrão	Variância
Há alguém no trabalho que encoraja seu desenvolvimento profissional?	Sim	62%	1,65	1,22	1,49
	Em parte	21%			
	Não	17%			
Todos os colaboradores da organização sabem qual o seu papel e a sua verdadeira importância?	Sim	46%	1,78	0,72	0,52
	Em parte	44%			
	Não	10%			
O crescimento profissional costuma ser recompensado financeiramente?	Sim	26%	2,14	0,8	0,65
	Em Parte	33%			
	Não	41%			
As ideias criativas dos empregados são usadas para a obtenção de melhores resultados?	Sim	35%	1,96	0,81	0,66
	Em parte	34%			
	Não	31%			
Há espaço para iniciativas individuais dos empregados?	Sim	52%	1,7	0,81	0,65
	Em parte	26%			
	Não	22%			
O crescimento profissional é considerado indispensável à permanência do empregado na casa?	Sim	43%	1,88	0,85	0,73
	Em parte	24%			
	Não	33%			
Considerando a autonomia que você tem para propor melhorias na execução do seu trabalho você está:	Satisfeito	36%	1,77	0,66	0,43
	Mais ou menos	51%			
	Nada satisfeito	13%			
Em termos de reconhecimento pelo trabalho que você executa na organização você está?	Satisfeito	37%	1,97	0,84	0,71
	Mais ou menos	28%			
	Nada satisfeito	35%			

Tabela 3 - Indicadores da influência da Cultura Organizacional
Fonte: Elaboração própria (2015)

Como a maior parte dos empreendimentos não consegue sobreviver sem o apoio dos empregados, é imprescindível que estes venham ter um alto nível de alinhamento na busca da realização dos objetivos e uma coesão da equipe. Percebe-se que a maioria dos colaboradores da organização sabe qual o seu papel e a sua verdadeira importância. Wagner e Hollenbeck (2009) relatam que, no cerne da cultura de toda organização, existe um conjunto de normas e valores fundamentais que moldam os comportamentos dos membros e os ajudam a entender a organização. Observa-se que o crescimento profissional é considerado por 43% dos respondentes fator indispensável à permanência dos empregados na casa, mas nota-se que a maioria respondeu que o crescimento profissional não é recompensado financeiramente, já que através do conhecimento são usadas ideias criativas para obtenção de melhores resultados, e grande parte dos empregados tem autonomia para propor melhoria na execução do trabalho e que está satisfeito em termos de reconhecimento pelo trabalho que executa.

Outro aspecto importante a salientar é que grande parte dos entrevistados respondeu que há alguém

no trabalho que encoraja seu desenvolvimento profissional. E considera que a capacitação profissional pode contribuir com o sucesso da empresa. Mas que, em parte, as ideias criativas dos empregados são recompensadas financeiramente e usadas para obtenção de melhores resultados. Assim, trata-se de uma importante constatação que deverá contribuir para que haja próximos levantamentos e análises. Quem realmente encoraja os colaboradores? E encoraja em que aspecto?

O conhecimento tem se tornado uma ferramenta muito importante para a progresso das empresas e isto unicamente é possível se os colaboradores se atualizarem e as organizações investirem em treinamentos e qualificação profissional. A importância do conhecimento, demonstrada ao longo dos séculos, é fundamental para o desenvolvimento ambiental, econômico e social de qualquer organização. A Tabela a seguir mostra os indicadores do Capital Humano:

INDICADOR	Média	Desvio Padrão	Variância
Você acredita que deve adquirir mais conhecimento para continuar trabalhando aqui na empresa?	1,39	0,66	0,44
Na medida que a empresa investe em equipamentos tecnológico, investe na capacitação para manuseá-los?	1,98	0,85	0,72
Você acredita que com sua capacitação profissional pode contribuir com o sucesso da empresa?	1,27	1,26	1,6
Em relação a quantidade de treinamento que você vem recebendo para melhor executar seu trabalho você está:	1,79	0,67	0,45

Tabela 4 - Indicadores do Capital Humano

Fonte: Elaboração própria (2015)

A ampliação do conhecimento é indispensável para empresas que miram o futuro, devido à evolução estar intimamente ligada com a evolução do conhecimento humano, que se tornou a chave para a perpetuação da organização. O gráfico abaixo aponta que os colaboradores das pequenas e microempresas de Cachoeira acreditam que devem adquirir mais conhecimento para continuar trabalhando.

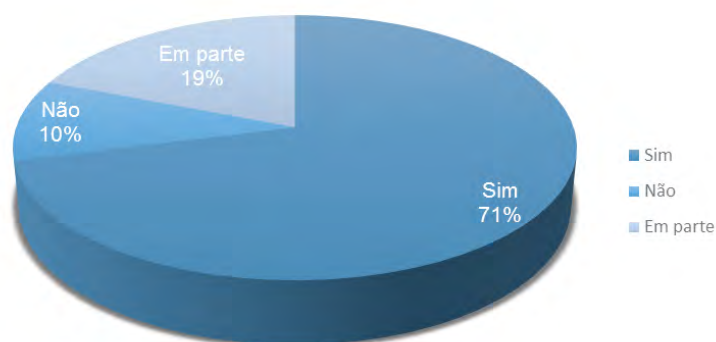


Gráfico 2 - Adquirir mais conhecimento para continuar trabalhando na empresa.

Fonte: Elaboração própria (2015)



Gráfico 3 - Capacitação profissional pode contribuir com o sucesso da empresa?
Fonte: Elaboração própria (2015)

Para que uma empresa ganhe espaço e credibilidade é de suma importância que se tenha uma boa equipe e, conseqüentemente, ofereça ao mercado produto e serviço de qualidade. Os respondentes, com 87% das afirmações, acreditam que sua capacitação profissional pode contribuir com o sucesso da empresa.



Gráfico 4 - Considerando as oportunidades de crescimento oferecida pela organização.
Fonte: Elaboração própria (2015)

Buscar o conhecimento e o crescimento das pessoas é, portanto, gerar lucro e se diferenciar da concorrência. Transformar os empregados e o ambiente de trabalho é fazer com que a equipe trabalhe satisfeita. Portanto, as organizações necessitam gerenciar o conhecimento utilizado em seus processos de forma eficiente e efetiva, para promover o aprendizado organizacional e preservar seu capital intelectual (ANDRADE et al,2010).

Considerando as oportunidades de crescimento oferecidas pela organização, observou-se que 46% dos respondentes está mais ou menos satisfeito, 37% satisfeito e apenas 17% nada satisfeito. Em relação à quantidade de treinamento que vem recebendo para melhor executar o trabalho, 46% dos respondentes está mais ou menos satisfeito, 32% respondeu estar satisfeito e 22% não está nada satisfeito. Considerando em termos de realização profissional com o trabalho que executa, 44% disse estar satisfeito, 32% nada satisfeito e 24% mais ou menos satisfeito.

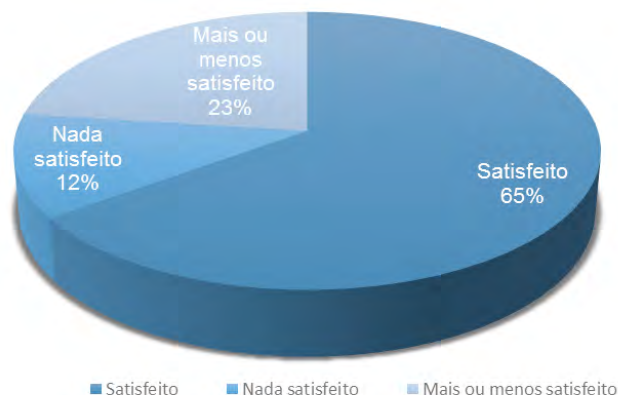


Gráfico 5 - Como se sente em relação ao seu desenvolvimento profissional.
Fonte: Elaboração própria (2015)

Em tempos incertos, em que não há segurança em coisa alguma, os empregados de hoje precisam aprender a lidar com a temporariedade. Eles precisam aprender a conviver com a flexibilidade, a espontaneidade e a imprevisibilidade (ROBBINS, 2009). A maioria dos respondentes afirmou estar satisfeito com seu desenvolvimento profissional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo do trabalho, de analisar as estratégias adotadas por pequenas empresas da cidade de Cachoeira, com o intuito de investir no desenvolvimento profissional dos seus colaboradores, pode-se afirmar que estes tem tido esse incentivo por parte da organização, que tem encorajado seus subordinados a buscar o crescimento profissional.

Dados os resultados ora apresentados, pode-se afirmar que a valorização do capital humano potencializa o desenvolvimento dos profissionais e o crescimento da empresa, por esse motivo, nos dias atuais, os colaboradores tem papéis mais participativos e tomam mais decisões no negócio. Quanto à percepção dos respondentes considerando a autonomia que tem para propor melhorias na execução, nota-se que os respondentes atribuem um significado positivo.

Quanto ao nível de investimento das pequenas empresas para o desenvolvimento de seus colaboradores, na pesquisa, notou-se um dado importante em relação às oportunidades de crescimento oferecidas pela organização, a maioria está mais ou menos satisfeita, apontando que os colaboradores estão descontentes em relação à quantidade de treinamento que vem recebendo para melhor executar o trabalho e, em termos de sentir que suas ideias e sugestões são ouvidas pela organização.

Em relação ao grau de escolaridade, os resultados apontam para que a maior parte dos respondentes apenas possui o ensino médio, havendo mais necessidade de preocuparem-se em buscar outras capacitações profissionais, como curso técnicos e níveis superior, já que encontram esse incentivo por parte da organização.

Sobre os fatores influenciadores no investimento dos colaboradores das pequenas empresas de Cachoeira, fica claro que se dá por conta de contribuir com o sucesso da organização, não havendo preocupação em recompensar financeiramente o colaborador, identificando essa necessidade.

Assim, dados os resultados, as principais conclusões deste artigo apontam para a necessidade de que os colaboradores das micro e pequenas empresas de Cachoeira não fiquem satisfeitos apenas com a qualificação que as empresas oferecem. Ficou evidente que as empresas têm demonstrado interesse para esses aspectos. Sendo esse fator preponderante para o desenvolvimento das suas economias, haja vista que o

conhecimento leva o homem a criar, realizar e tentar melhorar o mundo em que vivemos. Mas não fica claro que os colaboradores têm buscado outras qualificações além das que a empresa exige.

Cabe destacar algumas limitações quanto a esse estudo, havendo a necessidade de um estudo mais aprofundado de investigações futuras, com os dirigentes e clientes sugerindo outros questionamentos a fim de consolidar informações.

REFERÊNCIAS

- AGUZZOLI, R. L.; LENGLER, J. F. B.; ANTUNES, E. D.; RIBEIRO, V. B. **Capacitação em multinacionais brasileiras: o investimento nas filiais estrangeiras reproduz o da matriz?**. READ. Revista Eletrônica de Administração, v. 13, n. esp, p. 62-83, 2007. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/19505/capacitacao-em-multinacionais-brasileiras--o-investimento-nas-filiais-estrangeiras-reproduz-o-da-matriz-/i/pt-br>> Acesso em: 21abr. 2015.
- BARROSO, Antônio Carlos de Oliveira; GOMES Elisabeth Braz Pereira. **Tentando Entender a Gestão do Conhecimento**. v. 33, n. 2 (1999) Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7656/6201>>. Acesso em: 21 Abr. 2015.
- BARROSO, A.C.O.; GOMES, E.B.P. **Tentando entender a gestão do conhecimento**. RAP, Rio de Janeiro; RAP, março/abril 1999.
- BITENCOURT, C.; GONÇALO, C. **A Consolidação de Competências com Base em Práticas Informais: uma Opção Estratégica na Ação Organizacional**. In: Encontro Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração - ENAMPAD, 2004, Curitiba, 2004.
- CAMPOS, Stela. **Guia Valor Econômico de Desenvolvimento Profissional**. São Paulo: Globo, 2001.
- CRAWFORD, Richard. **Na era do capital humano: o talento a inteligência e o conhecimento como forças econômicas, seu impacto nas empresas e nas decisões de investimento**. São Paulo: Atlas, 1994.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto**. Tradução Magda França Lopes 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DESAULNIERS, Julieta B. R. **Formação, Competência e Cidadania. Educação & Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes)**, n. 59. Campinas, 1997.
- G.; SILVA Neto, E. ; Calle, G. A. D.; SANTOS, N. **Métodos e Técnicas de Gestão do Conhecimento Aplicadas para Melhorar a Gestão do Capital Intelectual em Núcleos Setoriais de uma Associação Empresarial**. Navus Revista de Gestão e Tecnologia, 2015.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo - SP: Editora Atlas S.A., 2010.
- KOTTER, John P; HESKETT, James L. **A Cultura Corporativa e o Desempenho Empresarial**. Tradução Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Makron Books, 1994.
- LUCHESE, Eunice Soares Franco. **Gestão do Conhecimento nas Organizações**. NT 221, CET São Paulo 2012. Disponível em: <<http://www.cetsp.com.br/media/117897/nota%20tecnica%20221.pdf>>. Acesso em: 01 Mai. 2015.
- MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Safari de estratégia: um roteiro pela selva do planejamento estratégico**. Porto Alegre: Bokman, 2003.
- MP; BINOTTO, E.; Siqueira ; ARRUDA, M. P. **A complexidade dos processos de trabalho: Novas Tecnologias, Novas competências**. In: Encontro Luso-brasileiro de Estratégia, 2006, Balneário Camboriu SC. Anais do Slade Brasil, 2006.
- OLIVEIRA, Ramon; **A Teoria do Capital Humano e a Educação Profissional Brasileira**. Senac-br.2001 Disponível em: <http://www.senac.br/INFORMATIVO/bts/271/boltec271c.htm>. Acesso em: 02 Jul. 2015.

- PEREZ, Francisco Conejero; COBRA, Marcos. **Cultura Organizacional e Gestão Estratégica**: a cultura como recurso estratégico. São Paulo: Atlas, 2015.
- PIRES, José Calixto de Souza; MACEDO, Kátia Barbosa. **Cultura Organizacional em Organizações Públicas no Brasil**. RAP Rio de Janeiro 40(1):81-105, jan/fev.2006.
- PONCHIROLLI, Osmar; **O Capital Humano como elemento estratégico na economia da sociedade do conhecimento sob a perspectiva da teoria do agir comunicativo**. 2000.105f. Dissertação (pós-graduação engenharia de produção) -Universidade Federal de Santa Catarina.
- ROBBINS, Stephen P; JUDGE Timothy A; SOBRAL Filipe. **Comportamento Organizacional: teoria e pratica no contexto brasileiro**. Tradução Rita de Cássia Gomes.14.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- ROBBINS, Stephen Paul. **Fundamentos do Comportamento Organizacional**. Tradução Reynaldo Marcondes 8.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.
- SILVA, Sergio Luiz. **Informação e competitividade: a contextualização da gestão do conhecimento**.CI. Brasília, v.3, n.2, p.142-151, maio/ago.2002.
- SILVA, Ricardo Costa; QUIROS, Joaquim Teixeira. **A Complexidade dos Processos de Trabalho**: Novas Tecnologias, Novas Competências. In: Encontro Luso-brasileiro de Estratégia, 2006, Balneário Camboriu SC. Anais do Salde Brasil, 2006.
- S.N. Cachoeira-Ba "Cidade Heroica" encantadora cidade do Recôncavo Baiano. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1509980>>. Acesso 06 Set. 2015
- T.; V.; PEREIRA, H. B. B. **Uma ontologia para a Gestão do Conhecimento no Processo de Desenvolvimento de Produto**. Gestão & Produção (UFSCAR. Impresso), v. 17, p. 537-551, 2010.
- VIANA, Gilmar and LIMA, Jandir Ferreira de. **Capital humano e crescimento econômico**. Interações (campo grande) online .2010, vol.11, n.2, pp.137-148.issn 1518-7012.
- VIEIRA, Adriane; GARCIA, Fernando Coutinho. **Gestão do Conhecimento e das Competências Gerenciais**: Um estudo de caso na indústria automobilística. RAE-eletrônica, v. 3, n. 1, Art. 6, jan./jun. 2004.
- WAGNER, John A; HOLLENBECK, John R. **Comportamento Organizacional**: criando vantagem competitiva. Tradução Cid Knipel. 2.ed.São Paulo: Saraiva, 2009.

ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO LOCAL A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DA FACULDADE ADVENTISTA DA BAHIA

Glicênia Rodrigues Coelho [melcoelho123@hotmail.com], Tiago Araújo dos Santos [tiagoaraujotg21@gmail.com] e Ricardo Costa Caggy [rickcosts@hotmail.com]

RESUMO

Neste artigo objetivamos analisar em que medida a implantação da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA) trouxe desenvolvimento local para o bairro de Capueiruçu. É uma pesquisa de natureza quantitativa, descritiva e exploratória. Para coleta de dados, foi utilizado um questionário com perguntas objetivas, que avaliou a opinião dos moradores do bairro sobre o impacto da FADBA na economia, cultura, educação e desenvolvimento de Capueiruçu. A partir desta abordagem, busca-se um paralelo entre a influência da implantação da FADBA e o desenvolvimento local, momento em que a questão cultural, social, econômica e ambiental é interpretada como fatores cruciais para esse desenvolvimento. Logo, o ponto culminante deste trabalho foi perceber que, a partir da análise dos dados coletados, notou-se que a FADBA teve forte influência no que se refere ao desenvolvimento local do bairro de Capueiruçu, possibilitando melhorias na economia, educação e renda e, por fim, gerando desenvolvimento.

Palavras-Chave: Desenvolvimento local. Instituições de Ensino Superior. Instituições Confessionais.

1 INTRODUÇÃO

No momento atual, o desenvolvimento local é citado como o grande desafio frente às disparidades e desigualdades sociais existentes em todo o mundo. Diferentes modelos, práticos e teóricos, tentam parametrizar o processo de desenvolvimento, principalmente nas regiões tidas como menos interessante para os interesses do grande capital. Outro desafio encontra-se na própria academia, face à necessidade de alinhamento de paradigmas no campo conceitual e prático. Neste sentido, observa-se que as inúmeras dificuldades oriundas dessa temática e principalmente as orientações econômicas e políticas não demonstram mudanças rumo à emancipação social e econômica de regiões afastadas dos grandes centros urbanos ou menos privilegiadas de recursos naturais. Por isso, o tratamento do tema desenvolvimento local requer uma enorme responsabilidade no seu planejamento, pois o define a estrutura e o progresso de cada região.

Um plano de desenvolvimento deve estimular o crescimento local, de maneira que ele seja eficiente e proporcione qualidade de vida e harmonia para os moradores. Percebe-se, então, a relevância do desenvolvimento não apenas no plano econômico, por exemplo, mas precipuamente o desenvolvimento das pessoas e no ambiente. A percepção do desenvolvimento local como um meio de desenvolvimento endógeno, até este momento não se demonstra nitidamente sujeito na realidade da vida social. Este fenômeno se dá em razão da distância entre as alternativas locais desenvolvidas e as políticas públicas que são contempladas por interesses e influências externas.

Diante do exposto, este trabalho parte da seguinte questão de investigação: **como se deu o desenvolvimento no território de Capueiruçu após a implantação da Faculdade Adventista da Bahia-FADBA?**

O objetivo central deste trabalho é identificar e verificar se houve desenvolvimento local a partir da implantação da Faculdade Adventista da Bahia-FADBA no distrito de Capueiruçu e quais os impactos desse processo. Como objetivos secundários buscou-se: analisar a influência da FADBA para o desenvolvimento local em Capueiruçu, de forma a identificar quais foram os fatores de desenvolvimento gerados pela implantação da Faculdade supracitada; descrever os fatores gerados pelo desenvolvimento local, através de categorias e, por fim, analisar o modelo de desenvolvimento local do território de Capueiruçu.

Busca-se, neste trabalho, articular algumas considerações acerca da temática desenvolvimento. Considera-se que a emancipação social é considerada como premissa de integração entre os diversos atores envolvidos, portanto, a implantação de uma instituição de ensino confessional deve gerar desenvolvimento, este focado nas diversas áreas entre as quais destaca-se: econômica, social, ambiental e cultural. Sabe-se que as práticas de desenvolvimento local são capazes de combater os graves problemas da sociedade, de modo sério e representativo, pois inclui a participação ativa da população.

Após esse capítulo introdutório, na seção dois, apresenta-se uma breve revisão da evolução das teorias de desenvolvimento que abrange o desenvolvimento regional e local, além de destacar as instituições confessionais neste processo; na seção três, é feita uma identificação dos pressupostos e procedimentos de coleta de dados, para os quais utiliza-se também os critérios de definição populacional; na seção quatro, mostra-se o caso em análise; na seção cinco, é apresentada a análise dos dados coletados; e, finalmente, na seção seis, são apresentadas as principais conclusões, na tentativa de associar as teorias concernentes ao tema com algumas estratégias de desenvolvimento local adotadas para o bairro de Capueiruçu.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Como todas as transformações econômicas e institucionais, o processo de globalização tem arrematado um grande número de adeptos, ao mesmo tempo em que produz um exército de críticos. Porém, não se pode negar que a globalização tem provocado impactos diferentes sobre as trajetórias de desenvolvimento local e regional, fazendo-se sentir, por meio de resultados, que elas compõem um quadro composto por regiões ganhadoras e perdedoras, cujo divisor de águas tem sido o conhecimento e a inovação e, a contragosto de certas correntes de pensamentos, projetos e processos de desenvolvimento colocados em prática por vontades e decisões políticas.

Em vez de seguir clichês analíticos e generalizantes previamente concebidos, é conveniente que sejam feitas observações empíricas e análises pormenorizadas frente aos impactos da globalização sobre as regiões em seus variados aspectos, tais como: econômico, social, cultural, ambiental, político, ou seja, desenvolvimento local. Um efeito particularmente importante da globalização aparece no plano da política e da geografia política mundial.

2.1 DESENVOLVIMENTO

O termo desenvolvimento significa ação ou efeito de desenvolver, crescer, progredir. A dimensão econômica é somente um dos fatores determinantes do desenvolvimento. Atualmente entende-se que os fatores determinantes do desenvolvimento têm caráter multidimensional, pois cada dimensão tem certa autonomia, porém com efeito de alavancagem de outras dimensões.

Assim, tem-se o desenvolvimento econômico, social, cultural, ambiental, físico-territorial, político-institucional, científico-tecnológico, entre outros. O desenvolvimento deve ter como efeito, melhorar a vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas (desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão no futuro (desenvolvimento sustentável).

O termo desenvolvimento tem sido associado à noção de progresso material e de modernização tecnológica. Sua promoção, mediante o desrespeito e a desconsideração das diferenças culturais, da existência de outros valores e concepções, já teria funcionado como "Cavalo de Tróia", que, vestido da sedução do progresso, teria carregado, em seu interior, o domínio e a imposição culturais que desequilibram e abalam as sociedades. É, pois, certo que a história do desenvolvimento está presente nas mentalidades etnocêntricas evolucionistas e racionalistas (VERHELST, 1992).

Tem-se, então, o desenvolvimento como um processo sustentável da melhoria da qualidade de vida, devendo ser avaliado por indicadores da própria sociedade, isto é, do local do crescimento. Ao se recorrer a esses conceitos, dois aspectos merecem destaque: 1) a ligação do desenvolvimento apenas ao crescimento

econômico é, no mínimo, um equívoco estrutural e conceitual; 2) os indicadores de avaliação do desenvolvimento devem ser criados a partir de construções locais, ou seja, das pessoas que compartilham e constroem o processo de melhoria (CAGGY; CAGGY, 2010).

Segundo Muls (2008), o processo de desenvolvimento econômico provoca transformações dinâmicas não apenas no modo de produção e tecnologia, como também nas instituições sociais, políticas e econômicas.

2.2 DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Segundo Souza (2009), uma região forma uma identidade, apresentando características semelhantes; e é apresentada como um campo de forças que, por sua vez, atrai unidades econômicas, organizando todo o território à sua proximidade. Provisoriamente definida como um subespaço do território nacional, a região se relaciona com outras regiões, incluindo o exterior do país em que está inserida.

A ideia que se tem de região é diferente do conceito de espaço. "A região necessariamente precisa ser constituída por um território contínuo, delimitado por uma fronteira" (SOUZA, 2009, p. 13). O espaço não necessariamente precisa ser contínuo, pode ter descontinuidades.

O desenvolvimento regional é um processo multidimensional. Suas bases envolvem os diversos atores sociais relacionados à produção e à distribuição da riqueza. Tal condição torna impossível negligenciar a necessidade de se formular instrumentos de gestão do processo de desenvolvimento. Segundo Souza (2009, p. 21):

Em suma, a ideia de região leva, implicitamente, em conta a questão do conteúdo econômico de seus elementos constitutivos: nível de renda (pobreza versus riqueza), estrutura produtiva (base agrícola versus base industrial), estrutura urbana (meio urbano versus meio rural), modo de transporte e dotação de recursos naturais.

Segundo Isard (1956), a região não pode ser estudada apenas do ponto de vista econômico; é preciso também englobar aspectos demográficos, sociais e tecnológicos. O autor propõe abordar a região sob um enfoque multidisciplinar (pela Ciência Regional) e por sua base espacial, onde interagem vários elementos. Para ele, cada região tem "essência própria"; para ser apreendida, necessita de abordagem eclética.

A maior dificuldade em discorrer sobre o tema região está em entender o próprio conceito. O aprofundamento desse tema pode levar a equívocos quando não se tem, de forma clara e detalhada, o conceito e a abrangência. Não havendo esses fatores, a discussão do tema pode tornar-se superficial.

Na sociologia política, o conceito de região tem uma tendência marcadamente culturalista. Define-se preferencialmente a partir das influências que os elementos de ordem étnica, religiosa e cultural, de modo geral, exercem sobre a relação entre o homem e o seu meio (MARTINS, 1985).

Definir o conceito de região gera algumas dificuldades: a primeira delas, "reside na delimitação precisa das fronteiras regionais, que não coincidem, necessariamente, com as fronteiras administrativas adotadas pelo setor público" (SOUZA, 2009, p. 16). Ainda de acordo com o autor supracitado, uma segunda dificuldade "é a restrição da contiguidade: o território regional deve ser contínuo e não intercalado".

Os fatores regionais de crescimento são as vantagens locais que estimulam o crescimento econômico local e que atraem novas indústrias para a área, como dimensão do setor de mercado interno, disponibilidade e qualidade da mão de obra e da infraestrutura, níveis salariais, dotação de recursos naturais ou políticas públicas favoráveis (SOUZA, 2009).

2.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL

Segundo Lima (2000), o desenvolvimento local é um conceito amplo, que inclui diversos tipos de agentes e ações que, de alguma maneira, concernem aos interesses da população que vive e trabalha no

local.

Até meados da década de 70, a concepção que se tinha sobre desenvolvimento local estava imbricada a uma visão regional do desenvolvimento (TERMES, 1989). Diminui-se a força do antigo pensamento no qual as políticas federais/centrais focalizavam primeiramente a região, e colocava preocupação com o desenvolvimento econômico local em segundo plano. Não há uma teoria sobre o desenvolvimento local, mas teorias que divergem e diferem entre si na forma de considerar o local.

De acordo com Leroy (1998), o desenvolvimento local reside em uma dinâmica nascida no próprio município, que sustente o funcionamento de atividades locais, impulsionadora do giro de dinheiro e, a partir do trabalho da troca de bens e serviços, deem condições de sobrevivência aos habitantes daquele lugar.

O desenvolvimento local envolve uma estratégia cujo objetivo é procurar, por meios endógenos, uma integração vantajosa ou uma inserção no desenvolvimento local, regional, estadual, nacional e, se possível, internacional. Trata-se de uma estratégia proativa cujo interesse é combater a cultura passiva normalmente encontrada nas localidades que se contentam em receber os benefícios emitidos pelas políticas públicas dos governos estadual e federal.

Na perspectiva de Moura (1998), da literatura referente a este tema pode-se depreender duas grandes tendências de entender a questão: a "competitiva", que defende a ideia do desenvolvimento local a partir do crescimento econômico da cidade; e a "social", que aponta para a necessidade de inserir os excluídos no processo produtivo, nas atividades econômicas, a fim de reduzir as desigualdades sociais, ou seja, a via para o desenvolvimento local consiste na geração de postos de trabalho que vise à melhoria das condições de vida dos habitantes.

Barquero (1993) enaltece a possibilidade do surgimento de soluções para os problemas internos a partir de projetos e ideias gerados no próprio local, que permita utilizar os recursos ali disponíveis. Cada local possui seus pontos fortes e, mediante aos mesmos, é que há diferença de um para outro. O desenvolvimento local pode consistir-se do maior e melhor aproveitamento dessas forças existentes, sejam elas a partir dos recursos naturais e humanos ou até mesmo dos recursos naturais existentes.

Assim, pensar em desenvolvimento local é pensar num conjunto sinérgico que pode elevar ou melhorar o processo de qualidade de vida das pessoas (que compartilham de um espaço), no âmbito econômico, político, social, cultural e ambiental. Caso essas condições não sejam avaliadas, pode-se cair no engano do "crescimento econômico" ou, quiçá, numa criação de um subsistema de poder, que repete o sistema de desenvolvimento da grande capital (CAGGY; CAGGY, 2010).

Segundo Oliveira (1996), o desenvolvimento da empresa privada beneficia tanto a comunidade quanto a administração pública. Sua argumentação mostra dois efeitos positivos para esses atores: a criação de emprego diminui a demanda por serviços sociais e, em geral, os custos públicos da pobreza, e a geração de recursos financeiros, através de impostos, amplia a capacidade da prefeitura de oferecer maior cobertura e melhora a qualidade dos serviços públicos prestados à comunidade.

Zapata e Jordán (1997) defendem que o eixo do desenvolvimento local é a capacitação, pois através dela é que se pode provocar mudanças culturais, a quebra de paradigmas arcaicos e a introdução de novos valores. Pessoas capacitadas tem força maior do que as não capacitadas para provocar mudanças no meio em que vivem, haja vista que transformam, criam e inovam.

As universidades têm enorme potencial de contribuir para a realização de transformações sociais e, ao identificar que há lacunas a colmatar no plano teórico empírico, decidiu-se por investigar o modo pelo qual a articulação entre o contexto institucional da produção científica e tecnológica e as formas de inserção das universidades nas localidades interferem no desenvolvimento local (GOULART; VIEIRA, 2008).

O sucesso econômico de cada país, região ou localidade passa a depender da capacidade de especializar-se naquilo que consiga estabelecer vantagens comparativas efetivas e dinâmicas. O ambiente social e cultural, sem dúvida, tem influência no processo de desenvolvimento regional e local.

No conceito de desenvolvimento local está, obviamente, uma questão de escala territorial. O entendimento da escala local como aquela que permite a eficácia das ações e um melhor acompanhamento dos resultados está associado ao fracasso de um modelo de desenvolvimento pautado na industrialização a

qualquer custo, no consumo de massa, em altíssimos custos ambientais e sociais, viabilizado por ampla disponibilidade de capitais (LEROY, 1997).

Na Europa, o Comitê Econômico e Social das Comunidades Europeias (COMITÊ, 1995) concebe o desenvolvimento local como um processo de reativação da economia e de dinamização de uma sociedade local, com base no aproveitamento ótimo dos recursos endógenos, objetivando o crescimento da economia, a criação de emprego e a melhoria da qualidade de vida (MARTINS, 2002).

Certamente, a ausência de desenvolvimento inabilita a muitos no que se refere ao egresso e à possibilidade de obter renda. É certo que o desenvolvimento local não constitui a única saída para a crise do desemprego, mas encerra a perspectiva do enfrentamento deste e de outros problemas socioeconômicos. Desenvolvimento local, todavia, não equivale à geração de emprego e renda (MARTINS, 2002).

Para Rozas (1998), desenvolvimento local é a organização comunitária em torno de um planejamento para o desenvolvimento, por uma perspectiva de construção social, constituindo, assim, em um instrumento fundamental, de caráter orientador e condutor, de superação da pobreza.

Na atualidade, as relações entre o global e o local adquirem papel fundamental no desvendamento de ambos. Local e global são, com efeito, duas ordens imbricadas, essencialmente contraditórias e insuperavelmente dialéticas (BENKO, 1996).

2.4 INSTITUIÇÕES CONFSSIONAIS

Para Vasselai (2001), confessionalidade deriva de um ato, de uma confissão. Supõe a adesão à mensagem e à tradição de uma comunidade, que elabora comportamentos de valor. É uma declaração, uma opção pessoal livre, que identifica o modo de ser, de viver da pessoa e da comunidade que a ela adere. Os conteúdos da confissão têm base em princípios de fé.

A educação é um fator estratégico para o desenvolvimento das nações. O conhecimento é um dos componentes mais importantes para o crescimento e aumento da competitividade no mundo atual. Educação e desenvolvimento são vias de mão dupla: quanto mais educação, mais desenvolvimento; e quanto mais desenvolvimento, mais educação. Conforme Maia (2006), a educação superior tem uma responsabilidade ímpar na formação e na qualificação da mão de obra, no aumento da capacidade produtiva e da tecnologia, mas, também, na elevação da capacidade humana, no sentido de promover a integração das pessoas na sociedade e o respeito à diversidade cultural.

Segundo Valcimiro (2006), o ensino superior, no Brasil, teve suas raízes no modelo transplantado das instituições europeias. A vinda da Corte portuguesa para o Brasil, e a conseqüente elevação da colônia a Reino Unido, criou uma nova demanda pelo ensino superior.

Segundo Marcondes (2005), a educação confessional, no Brasil, é garantida pela Constituição Federativa do Brasil de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) N. 9394/96, cujo o artigo 20º assegura o direito às instituições de ensino privado a exercerem atividades de cunho religioso e confessional. A educação é função-chave e de extrema importância em qualquer sociedade, visto que ela abre portas e transforma pessoas, sem contar que a direção que a juventude irá tomar no futuro dependerá da sua educação.

Quando se pensa na história da educação confessional no Brasil, obrigatoriamente é necessário pensar na própria história da educação, pois o início da educação brasileira deu-se dentro de um contexto educacional confessional. Também é importante ressaltar que, ao se falar em educação confessional no Brasil, entende-se educação confessional cristã, sendo dividido, no decorrer da história, em dois segmentos, a saber, católico e protestante (MARCONDES, 2005).

Conforme Marcondes (2005), didaticamente pode-se dividir a história da educação confessional em três períodos: o primeiro, logo após o descobrimento do Brasil (1500), quando este se tornou colônia de Portugal, o segundo período da educação confessional é marcado pela expulsão 621 dos Jesuítas, que ocorre no ano de 1759, por ordem de Marques de Pombal, então 1º ministro de Portugal e o terceiro período acontece a partir do ano de 1806, com a chegada da família real de Portugal ao Brasil.

Com a proclamação da República em 1889, houve o interesse de se aniquilar todo o pensamento imperialista reinante até então. O movimento republicano deu à educação do povo um peso que não tinha possuído até então, já que, para os republicanos, a democracia realizar-se-ia e desenvolver-se-ia via educação popular para conseguir a liberdade. Com esses ideais de liberdade, a educação deixa de ser oficialmente católica e passa ser de caráter leigo, conforme expresso no artigo 72, parágrafo 6º, da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 1891: “será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos” (MARCONDES, 2005, p. 616).

Pode-se dizer que o movimento republicano, apesar de não defender os interesses da Igreja, permitiu e incentivou a permanência da educação confessional no ensino privado e a oficializou no ensino público, como vemos na Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 1934, no artigo 153, que diz: “O Ensino Religioso será de frequência facultativo e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestada pelos pais ou responsável, e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais” (MARCONDES, 2005, p. 616).

Segundo Vasselai (2001), a confessionalidade, na sua essência, diz respeito às atitudes que pessoas assumem em relação ao transcendente. É a atitude de resposta do homem que professa sua fé. O ser humano, por razões de fé, orienta-se e professa sua crença apoiado em dogmas e doutrinas religiosas.

No entanto, é uma falácia a afirmação de que a educação, por si só, resolverá todas as diferenças e injustiças sociais. Como ressaltou Trier (2002), na realidade as sociedades influenciam a educação mais do que a educação influencia a sociedade.

Segundo Schunemann (2009), as escolas confessionais exerceram historicamente uma grande influência na educação brasileira. A primeira etapa dessa contribuição dá-se durante o período colonial, no qual os jesuítas são praticamente os únicos educadores em ação no território.

Conforme Vasselai (2001), as instituições educacionais de natureza confessional têm o empenho de estabelecer princípios que garantam a atuação educativa como um diferencial para a própria instituição diante das demais, por isso, as instituições confessionais de ensino alicerçam-se em princípios transcendentais, que fundamentam atitudes específicas e levam o indivíduo a posicionar-se diante da realidade para entendê-la, assimilando comportamentos que o amadureçam socialmente enquanto pessoa e enquanto agente da sociedade humana.

O índice de escolas confessionais teve uma recaída em comparação ao passado; atualmente, apenas cerca 10% da população escolar brasileira está em escolas particulares, e boa parte delas não é mais confessional, pois, principalmente durante o período militar, houve incentivos para que particulares abrissem escolas (SCHUNEMANN, 2009).

A educação é, portanto, a forma pela qual a humanidade evolui e, sem ela, não seria possível a manutenção da civilização. A educação torna-se, assim, pedra fundamental para o desenvolvimento tanto do indivíduo quanto da sociedade. Seja pelos fins a que visa, seja pelos meios que emprega, a educação sempre atende às necessidades sociais (DURKHEIM, 1978). Segundo Scheinkman (2006), estudos mostram que as diferenças de investimento na educação superior ajudam a explicar os hiatos de crescimento econômico e de ganhos de produtividade, o que se evidencia, por exemplo, pela comparação entre os Estados Unidos, que investem 3% do PIB, e a Europa, que investe apenas 1,1%. Para Scheinkman (2006), há uma evidência empírica da conexão entre educação e desenvolvimento que não pode ser desconsiderada pelos governantes brasileiros.

A educação, segundo muitos economistas, por si só não provoca o desenvolvimento, mas a sua falta, inevitavelmente, é empecilho para que este possa ocorrer. Os problemas de produtividade e competitividade, oriundos de uma educação deficiente, freiam o crescimento econômico e, por fim, o pleno desenvolvimento. Segundo Saviani (1997), a educação instrumentaliza o ser humano para que ele possa interagir de forma crítica e comprometida com a natureza de tal forma que “o processo educativo situa o homem no contexto social. Desde que o homem é homem ele vive em sociedade e se desenvolve pela mediação da educação”.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se por ser de natureza quantitativa, descritiva e exploratória, o que facilitou optar pela estratégia de estudo de caso, tendo em vista que o processo de desenvolvimento pode (e deve) variar de acordo com cada localidade, com os recursos envolvidos, o processo como decorreu e a historicidade de cada local. Sendo assim, as afirmações realizadas neste trabalho não possuem a intenção de generalização, mas de aprofundamento em um caso para que este possa sinalizar caminhos a serem desenvolvidos em pesquisas futuras sobre o tema.

O objetivo deste trabalho é avaliar se houve desenvolvimento local para o bairro de Capueiruçu, a partir da implantação da FADBA. Para a coleta dos dados, optou-se por utilizar um questionário fechado, com dezessete perguntas objetivas, para avaliar a opinião dos moradores do distrito sobre o impacto do processo de implantação dessa instituição de ensino confessionnal.

A população estabelecida para esta pesquisa foi definida com base no número total de moradores de Capueiruçu, cinco mil pessoas, conforme os registros da Secretaria Municipal de Saúde da cidade de Cachoeira. O questionário aplicado foi baseado no modelo de escala Likert, em que o entrevistado especifica seu nível de concordância com a afirmação através de 5 pontos. Os principais aspectos analisados foram: Desenvolvimento local no que tange à educação, cultura, economia e o social.

No tocante ao nível de confiabilidade, a pesquisa está exposta a riscos e, por isso, foi escolhido o nível de 95% de confiança, onde aceita-se 5% de chance de margem de erro. O método de amostragem escolhido foi o do cálculo da amostra aleatória simples. Para tanto, foi aplicado o pré-teste a 25 pessoas, de forma aleatória, que estivessem dentro dos critérios de inclusão da pesquisa (1. Ser morador do distrito de Capueiruçu; 2. Ter no mínimo 25 anos de idade; 3. Estar residindo no distrito há pelo menos 10 anos).

Para o cálculo da amostra utilizamos cinco perguntas do questionário que julgamos serem as mais importantes, obtivemos os dados do pré-teste e calculamos o desvio padrão e a média de cada uma das cinco perguntas, para tanto, usamos o maior desvio padrão e 10% da média que correspondia ao erro. Feito isso, aplicamos esses dados na fórmula para obtermos o número total da amostra, desta forma chegou-se à amostra de 91 pessoas dentro do universo populacional de 5.000.

Para a análise final dos dados, foi utilizado o SPSS® (*Statistical Package for the Social Sciences*) para o cálculo das estatísticas descritivas, níveis de confiabilidade da escala e gráficos para a análise. Justifica-se o uso do tipo de pesquisa escolhido através do objetivo geral do trabalho, que é a análise da influência da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA) para o desenvolvimento local do bairro de Capueiruçu.

4 O CASO EM ANÁLISE

Cachoeira é uma importante cidade do Recôncavo Baiano, que tem um papel histórico e cultural de grande valor, estando intrinsecamente ligada ao processo de colonização do Brasil, sendo sede do governo da Bahia por duas vezes, em 1822 e em 1837.

Guimarães (2000) relata que, em 1531, na expedição de Martim Afonso de Souza, estavam os fidalgos portugueses Paulo Dias Adorno e Rodrigues Martins Adorno. Estes portugueses adquiriram terras à margem esquerda do rio Paraguaçu para iniciarem o plantio de cana-de-açúcar. Eles poderiam então entrar e sair sem dificuldades com suas embarcações. Paulo Dias Adorno fixou ali residência com senzala e engenho. Os dois, amigos e parentes de Diogo Álvaro Correia e Catarina Paraguaçu, conseguiram apaziguar os índios, o que facilitou a colonização. Segundo Guimarães (2000 p.19-20):

O porto de Cachoeira impulsionou o progresso ligando o Recôncavo ao Sertão, tornando-se Cachoeira a cidade mais rica, a mais populosa e uma das mais importantes do País. Também ficou conhecida como "cidade heroica" pelo espírito de luta dos seus filhos em prol da independência da Bahia e do Brasil, como as notáveis Maria Quitéria e Ana Nery (GUIMARÃES, p. 19-20).

Os fidalgos portugueses Paulo Dias Adorno e Rodrigues Martins Adorno, que em 1531 se estabeleceram às margens do rio Paraguaçu, trouxeram para essa região engenhos e senzalas que contribuíram para a vinda dos negros e para a caracterização do povo local (GUIMARÃES, 2000).

A cidade explora bastante o turismo e busca melhorar esse setor. As fábricas de charutos e cigarros foram desativadas, e a cidade é tombada como patrimônio nacional. Sendo a educação e o comércio (de busca movimentação) as duas principais fontes de emprego.

O Distrito de Capueiruçu está localizado na rodovia BR-101, KM 197, a 5 quilômetros da cidade de Cachoeira. Tem sua origem em uma aldeia de índios Maracás, que hoje não existe mais, eles foram se dispersando com o passar do tempo. Capueiruçu foi a primeira comunidade rural de Cachoeira a ter energia elétrica, em 1936, porém um dos maiores problemas que a comunidade enfrentou foi a falta de água. De acordo com Guimarães (2000, p. 42), "O abastecimento de água foi regularizado a partir da segunda metade da década de 60". Segundo Guimarães (2000):

[...] Em 1966 a comunidade ainda não possuía associações, mas já se organizava politicamente na busca da solução para seus problemas e, nesse mesmo ano, foi eleito o primeiro vereador, o professor Albenizio Pereira, hoje falecido; daí com a representação na Câmara de Vereadores do Município, Capueiruçu começou a receber benefícios: Expansão da rede elétrica vindo a luz que veio para o local em 1936 (GUIMARÃES, 2000, p. 42).

Conforme Guimarães (2000), a maior reivindicação era o abastecimento de água encanada, que foi atendida com o sistema implantado pela liderança de Deputado Edvaldo Brandão Correia no governo de Luiz Viana Filho, inaugurado em 20 de dezembro de 1968.

Em relação à educação, no Distrito de Capueiruçu, aconteceu de forma diferente do que acontecia em outras localidades, as meninas iam estudar, e isso representa status, principalmente quando se tornavam professoras, e os homens eram utilizados no trabalho, para complementar a renda familiar (GUIMARÃES, 2000).

A situação de Capueiruçu começou a mudar com a chegada do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (IAENE), atual FADBA, que foi instalada na antiga fazenda Capoeiro Sul. A fazenda foi adquirida pela Organização dos Adventistas do Sétimo Dia, e a instituição inaugurada em 14 de outubro de 1979. Trouxe a filosofia educacional baseada nos princípios bíblicos, princípios que tem sido absorvidos pelos moradores de Capueiruçu, sem constituir-se regra para ingressar nele. Trata-se de uma instituição confessional, sem fins lucrativos, que faz parte da rede mundial de ensino administrada pelos Adventistas do Sétimo Dia.

Atualmente, a FADBA abriga em seu Campus a educação básica e mais nove cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação: Administração, Fisioterapia, Enfermagem, Psicologia, Pedagogia, Secretariado Executivo, Ciências Contábeis, Tecnologia da Informação, Teologia e Sistemas da informação e Odontologia.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A presente seção apresenta a análise e tratamento dos dados, procurando a resposta da problemática levantada, a partir da pesquisa dos dados coletados através da pesquisa de campo, por meio de questionários.

As duas primeiras perguntas fazem referência à educação.

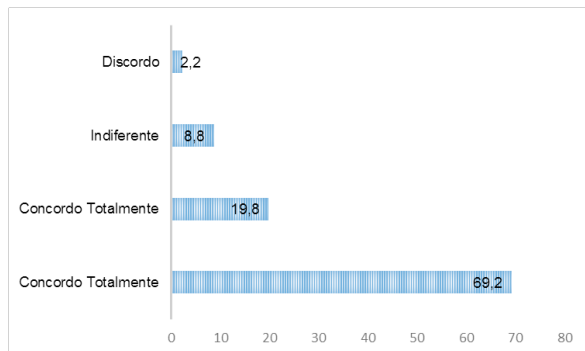


Gráfico 1 – A FADBA trouxe maiores oportunidades de educação para os moradores de Capueiruçu?
Fonte: Elaboração própria (2015)

Em relação à “Educação”, analisando os itens do questionário que se refere à mesma após a implantação da FADBA, no bairro de Capueiruçu, pode-se observar que 2,2% dos moradores discorda e 69,2% concorda totalmente. Diante disso, percebe-se que o nível de concordância por parte dos moradores quando se trata da oportunidade de educação é positiva, pois com a inserção das instituições de ensino há uma transformação educacional no ambiente em que foi implantada.

Conforme Vasselai (2001), as instituições educacionais de natureza confessional têm o empenho de estabelecer princípios que garantam a atuação educativa como um diferencial para a própria instituição diante das demais. As instituições confessionais de ensino alicerçam-se em princípios transcendentais, que fundamentam atitudes específicas, que levam o indivíduo a posicionar-se diante da realidade para entendê-la, assimilando comportamentos que o amadureçam socialmente enquanto pessoa e enquanto agente da sociedade humana.

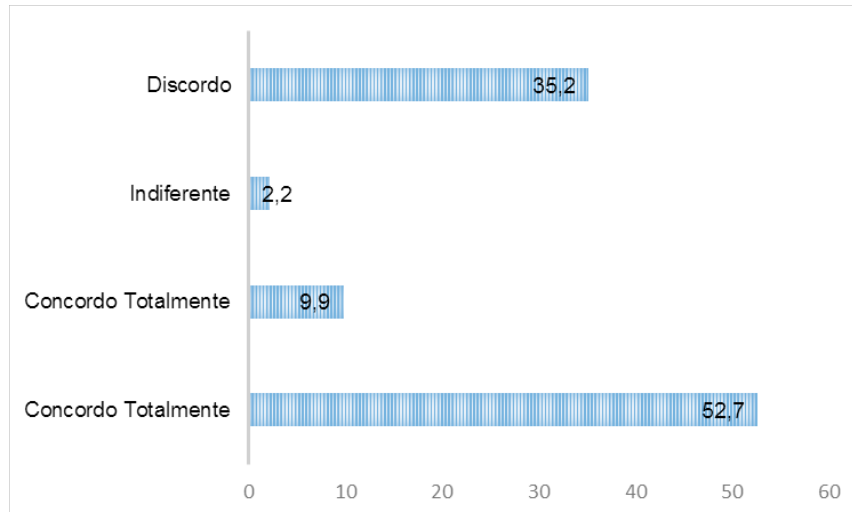


Gráfico 2 – Você ou alguém de sua família já foi beneficiado com bolsas de estudo ofertadas pela FADBA?
Fonte: Elaboração própria (2015)

A atuação das instituições educativas em um determinado meio possibilita maiores oportunidades ao ingresso de alunos carentes, assim, a presença da FADBA no bairro trouxe diversos benefícios para os moradores, incluindo bolsas de estudos de regime integral, onde o aluno fica isento do financiamento das mensalidades.

A educação ajuda não só ao desenvolvimento de um país, mas também de cada indivíduo. Por meio da educação, garantimos nosso desenvolvimento social, econômico e cultural. Segundo Saviani (1997), a educação instrumentaliza o ser humano para que ele possa interagir de forma crítica e comprometida com a natureza de tal forma que “o processo educativo situa o homem no contexto social. Desde que o homem é

homem ele vive em sociedade e se desenvolve pela mediação da educação". É percebido no gráfico que 62,5% (C+Ct), dos moradores de alguma forma já foi beneficiado com bolsas de estudos.

INDICADOR	Média	Desvio Padrão	Variância	Frequência
Os projetos comunitários têm proporcionado melhorias	3,77	1,096	1,202	C+CT: 60,44%
Os projetos sociais têm contribuído para um melhor estilo de vida	3,92	1,240	1,538	C+CT: 71,43%
Influência da cultura da FADBA	3,65	1,149	1,319	C+CT: 61,53%
Benefícios ofertados pela FADBA	3,78	1,724	2,973	C+CT: 71,43%

Tabela 1 – Influência da cultura da FADBA na cultura do bairro de Capueiruçu.

Fonte: Elaboração própria (2015)

Sabe-se que existe uma forte relação entre o desenvolvimento econômico e as condições sociais e culturais. Em relação ao questionamento da influência cultural, foi visto que a cultura do bairro sofreu grande influência da instituição. Devido a FADBA ser de origem confessional, houve maiores impactos e "conflitos" com a cultura do bairro, por terem alinhamento com outras religiões. No entanto, os projetos educativos e sociais ofertados pela FADBA têm aproximado ambos os lados e quebrado diversas barreiras. Para Zapata e Jordán (1997), a capacitação pode provocar mudanças culturais e a quebra de paradigmas arcaicos, além da introdução de novos valores.

Pessoas capacitadas tem força maior do que as não capacitadas para provocar mudanças no meio em que vivem, transformando, criando e inovando. É percebido, na pesquisa, que há uma elevada concordância quanto à influência da cultura. Contudo, a variável apresentou (média de 3,65; desvio padrão: 1,14; variância 1,31; frequência 61,53%).

INDICADOR	Média	Desvio Padrão	Variância	Frequência
A ausência da FADBA acarretaria no mesmo Desenvolvimento	1,97	1,509	2,277	C + C T : 20,88%
Valorização do comércio local	4,29	0,981	0,962	C + C T : 72,02%
Aumento das oportunidades de emprego	4,16	0,500	1,028	C + C T : 79,12%
Aumento de violência e problemas sociais	2,96	1,632	2,665	C + C T : 42,86%
Contribuição da FADBA para desenvolvimento da economia	4,31	0,903	0,815	C + C T : 86,81%

Tabela 2 – Percepção do desenvolvimento econômico por intermédio da FADBA

Fonte: Elaboração própria (2015)

Segundo Oliveira (1996), o desenvolvimento da empresa privada beneficia tanto a comunidade quanto a administração pública. Sua argumentação mostra dois efeitos positivos para esses atores: a criação de emprego diminui a demanda por serviços sociais e, em geral, os custos públicos da pobreza, e a geração de

recursos financeiros, através de impostos, amplia a capacidade da prefeitura de oferecer maior cobertura, e melhora a qualidade dos serviços públicos prestados à comunidade.

A educação é um fator estratégico para o desenvolvimento das nações. O conhecimento é, sem dúvida, um dos componentes mais importantes para o crescimento econômico sustentável e para o aumento da competitividade no mundo atual. Educação e desenvolvimento são uma via de mão dupla, quanto mais educação, temos como resultado mais desenvolvimento e quanto mais desenvolvimento temos como resultado, mais educação. Para tanto, é perceptível uma alta concordância quanto à influência da FADBA como propulsora ao desenvolvimento econômico do bairro de Capueiruçu.

Resultado semelhante é observado quando questionados se a FADBA trouxe melhorias em geral para Capueiruçu, proporcionando desenvolvimento. O nível de concordância é de 85,7% (C+Ct), com média de 4,37; desvio padrão 0,9267. A melhoria na urbanização e os investimentos públicos realizados no bairro remete à FADBA a causa desses feitos. Caggy e Caggy (2010) ressaltam o desenvolvimento como um processo sustentável da melhoria da qualidade de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão levantada nesta pesquisa remete-nos a analisar a evolução do bairro de Capueiruçu no que se refere ao impacto no desenvolvimento provocado pela FADBA. O desenvolvimento local tem assumido grande importância nos debates acerca do desenvolvimento.

Com o objetivo de analisar se houve ou não desenvolvimento local no bairro de Capueiruçu, e quais os fatores de desenvolvimento gerados pela implantação da FADBA, é que foi realizada a presente pesquisa. Diante disso, procurou-se analisar o bairro nas áreas econômica, cultural e educacional.

Sob esse enfoque, realizou-se uma revisão da literatura no que tange ao desenvolvimento e aos fatores que influenciam na sua construção. Após essa revisão, foi formulado um modelo de análise que foi validado através de pesquisa de campo com residentes do bairro.

Como resultado, concluiu-se que a FADBA foi o fator influenciou significativamente o desenvolvimento do bairro de Capueiruçu, sendo responsável pelo crescimento da economia, crescimento do comércio, geração de empregos e aumento dos investimentos imobiliários. O resultado da referente pesquisa mostrou que o bairro tem passado por diversas mudanças, desde 1979, ano que iniciava a FADBA, até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT, Rio de Janeiro. **Normas ABNT sobre documentação**. Rio de Janeiro, 2000. (Coletânea de normas).
- Agência de Desenvolvimento de Jundiaí e Região. Disponível em: < <http://www.adej.org.br/desenvolvimento.asp>. Acesso em: 20 Ago. 2015.
- BARQUERO, A. V. **Política econômica local**. La Respuestas de las Ciudades a los desafios del ajuste productivo. Madrid: Ediciones Piramides S.A., 1993.
- BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CAGGY, R. C; CAGGY, K. S. **Ações de desenvolvimento local e a falácia da sustentabilidade**: uma agenda para transformação no Brasil. Cachoeira: v. 3, n. 1, 2010.
- FILHO, Jair do Amaral Filho e CARRILHO, Jorge. **Trajetórias de desenvolvimento local e regional**: uma comparação entre a região nordeste do Brasil e a Baixa Califórnia (México). Rio de Janeiro: E-papers, 2011.

- GUIMARÃES, Solange de O. **Capueiruçu, O Povo e o Povoado**. Quarteto Editota, 2000.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Antonio Carlos Gil.- 6. ed.-4. reimpr.- São Paulo: Atlas, 2011.
- GOULART, Sueli; VIEIRA, M. M. **Desenvolvimento e organizações**: As universidades como eixo de articulação entre o local e o global. V.15 – n. 45 – abril/junho – 2008.
- HAN, Gregório Won Suk. **Desenvolvimento local**: os desafios à globalização hegemônica. Disponível em : <<http://www.fae.edu/galeria/getImage/1/732687421030267.pdf>. Acesso em 13 Nov. 2015.
- LAKATOS, M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LIMA, Ana Luiza Codes. **Abordagens teóricas sobre o desenvolvimento econômico local**: ideias inovadoras no debate sobre essa antiga questão.
- MARCONDES, Lea Rocha Lima (et al). **Educação profissional no Brasil uma perspectiva ética**. Disponível em:<<http://www.pucpr.br/eventos/edurece2007/anaisEventos/arquivos/CI-061-11.pdf>. Acesso em: 20 Ago. 2015.
- MAIA, V. INÁCIO. **Educação e desenvolvimento regional**: a contribuição da Faculdade do Pará e de Minas. Pedro Leopoldo, 2006.
- MOURA, S. **A gestão do desenvolvimento local**: estratégias e possibilidades de financiamento. In: anais do 22º encontro da ANPAD. Foz do Iguaçu: ANPAD, 1998.
- MARTINS, S. R. **Desenvolvimento local**: questões conceituais e metodológicas. Revista internacional de desenvolvimento local. Vol. 3, N. 5, Set. 2002.
- MARTINS, P. H. N. **Estado, espaço e região**. Revista Geonordeste. V. 2, N.2, 1985.
- MULS, M. Leonardo. **Desenvolvimento local, espaço e território**: o conceito de capital social e a importância da formação de redes entre organismos e instituições. Revista economia. Brasília, V.9, n1, p. 1-21, jan/abr 2008.
- OLIVEIRA, F. J. **Indicadores Sociais e Econômicos Municipais**. In: Coelho, F. D. (Org.). Desenvolvimento Local – Temas e Abordagens. Rio de Janeiro, IBAM, SERE / FES, 1996, P. 89-103.
- ROZAS, G. **Pobreza y desarrollo local**. In: Excerpta, Universidade do Chile, n. 7, 1998. (Na Internet: <http://rehue.csociales.uchile.cl>) (Benko, 1996, p. 65).
- SAVIANI, D. A. **A nova Lei da Educação** – LDB – Trajetória, limites e perspectivas. Campinas: Editora Autores Associados, 1997.
- SCHUNEMANN, H. Elinar. **A educação profissional fundamentalista no Brasil atual**: uma análise do sistema escolar da IASD. Revista de estudos da religião. P. 71-97, set. 2009.
- SOARES, Edvaldo. **Metodologia científica**: lógica, epistemologia e normas\ Evaldo Soares.- São Paulo: atlas, 2003.
- SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Atlas, 2009.
- TERMES, M. **La Nueva Política regional**. Tese de doutorado, universidade de Barcelona / Faculdade de ciências econômicas, 1989).
- VERHELST, Thierry G. **O direito à diferença**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- VASSEAI, Conrado. **As universidades profissionais no ensino superior brasileiro**: identidades, contradições e desafios. Campinas, SP: 2001.
- ZAPATA, T. e JORDÁN, A. **Metodologia de Capacitação em Apoio ao Desenvolvimento Econômico Local**. In: Proposta – revista trimestral de debate da FASE. Rio de Janeiro: FASE, No 75, Ano 26, Dez-Fev. 1997-8.

CACHOEIRA: QUAL O POTENCIAL DA REGIÃO E O QUE FAZEM OS CENTROS DE FORMAÇÃO NESSE TERRITÓRIO?

Ricardo Costa Caggy [rickcosts@hotmail.com]

A cidade de Cachoeira no estado da Bahia (Brasil) é reconhecidamente um polo cultural, histórico e turístico do estado. As suas belezas naturais, o seu patrimônio arquitetônico e histórico, além dos seus filhos notáveis, projetaram a cidade no cenário nacional e internacional. A cidade da Cachoeira é indutora cultural no cenário baiano, em diferentes frentes culturais, seja na música, no artesanato, na literatura, ou na dramaturgia. Seus festivais culturais ganham cada vez mais notoriedade e participação nacional e internacional, a exemplo da FLICA (Feira Literária Internacional de Cachoeira), que nos últimos anos vem se consolidando como a festa literária de maior importância no cenário baiano.

No entanto, como dezenas de outras cidades brasileiras, mesmo com todo o potencial existente, os pouco mais de 34.000 habitantes sofrem com os problemas econômicos e sociais típicos de cidades do interior do Brasil. Baixa empregabilidade, criminalidade, problemas de habitação e moradia, renda per capita baixa e uma série de problemas sociais oriundos de uma educação deficitária e uma economia com baixa produtividade. Neste contexto é que surge a questão norteadora para este ensaio: Por que, mesmo diante de tamanho potencial, a cidade da Cachoeira (BA) não consegue o seu desenvolvimento?

Uma resposta pautada no empirismo e no senso comum conduziria a um conjunto de suposições padronizadas para os problemas das cidades no Brasil. Má gestão pública, incapacidade de atração de investimentos, corrupção, má distribuição de renda etc. Contudo, a proposta deste paper é pensar este problema à luz de três perspectivas: 1) O desenvolvimento local endógeno; 2) As instituições de Ensino como potencializadoras do desenvolvimento; 3) A educação empreendedora como fomentadora do crescimento econômico.

O Desenvolvimento Local (DL) engloba um leque abrangente de aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e filosóficos, que muitas vezes tem sido resumido a apenas aspectos de geração de renda e ampliação da capacidade de consumo de determinadas localidades. Particularidades relacionadas com o território, com as relações deste com âmbito regional, nacional e global, bem como a história e os fatores constitutivos da identidade local, são negligenciados nas principais análises sobre a temática.

Como um espaço para a operacionalização do desenvolvimento, o local é composto por relações de poder entre atores individuais e coletivos. O foco sobre o lugar, seus atores, instituições e formas de articulação, em que os diferentes atores promovem jogos de poder (GOULART e VIEIRA, 2007) é fundamental para compreender as diferenciações e similitudes em processos de desenvolvimento de cidades e organizações, tendo em vista que “cidades e organizações tem os mesmos traços distintos de complexidade, diversidade, singularidade, pluralidade e contradição” (FISCHER, 1997, p. 75). Cabe ainda um adendo, que a percepção pela sociedade e pelos indivíduos do que é esse espaço depende de sua trajetória histórica, o que pode tornar o lugar o “mundo do veraz” e da “esperança” ao mesmo tempo (SANTOS, 1997).

O Desenvolvimento Local (DL) engloba um leque abrangente de aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e filosóficos, que muitas vezes tem sido resumido a apenas aspectos de geração de renda e ampliação da capacidade de consumo de determinadas localidades. Particularidades relacionadas com o território, com as relações deste com âmbito regional, nacional e global, bem como a história e os fatores constitutivos da identidade local, são negligenciados nas principais análises sobre a temática.

Por outro lado, os debates sobre as constituições de territórios de identidade, a ocupação territorial e a produção dos “espaços de esperança” (HARVEY, 2012) limitam-se à análise de perspectivas de desenvolvimento dentro de regiões desenvolvidas e, por vezes, ocupada de forma desordenada, características marcantes das principais metrópoles do Brasil.

Neste sentido, o território pode ao mesmo tempo ter diferentes combinações, sendo ele funcional (como recurso), ou simbólico (para produzir significado), sendo que o mais importante perceber a historicidade do território e sua variação conforme o contexto histórico e geográfico. Que, de forma simplificada, podem ser resumidos em quatro grandes fins: 1) abrigo físico; 2) fonte de recursos; identificação/simbolização de grupos; 3) disciplinarização ou controle através do espaço; e 4) construção e controle de conexões de rede (HAESBAERT, 2005, p.6778).

Desta forma, pode-se entender o processo de desenvolvimento local como o processo de desenvolvimento econômico e mudança estrutural que conduz a mudanças nos níveis de vida de uma população local em diferentes dimensões, tais como: econômica (fortalecendo o empresariado local e fomentando o surgimento de empreendimentos capazes de atender às demandas internas de forma competitiva); formação de recursos humanos (atores educacionais capacitam a comunidade local com conhecimentos para a inovação do perfil produtivo); sociocultural (os valores e as instituições locais apoiam o desenvolvimento); político-administrativo (facilitando a articulação público-privado) e ambiental (atenção às características potenciais e limitantes do entorno (LLORENS, 2001). Desenvolvimento local poderia corresponder, em termos mais restritos, à satisfação de um conjunto de requisitos de bem-estar e qualidade de vida (OLIVEIRA, 2001).

Assim, pensar em desenvolvimento local é pensar em um conjunto sinérgico de fatores que pode elevar ou melhorar o processo de qualidade de vida das pessoas (que compartilham de um espaço), no âmbito econômico, político, social, cultural e ambiental. É neste sentido que, para Fischer (2002), a articulação estratégica é o ponto principal do conceito, tendo em vista que o desenvolvimento compreende, ao mesmo tempo, processos compartilhados e seus resultados; visões de futuro e ações concretas de mudança aplicadas em determinado local. Leigh e Blakely (2013) acrescentam a esse conceito três premissas: a do desenvolvimento econômico para a localidade baseada em um princípio de padrão de vida mínimo, o desenvolvimento como um redutor das desigualdades sociais e o encorajamento da sustentabilidade dos recursos usados na produção.

Supriyadi, (2012) destaca que, nesse modelo, a ênfase está na ação coletiva para a utilização dos recursos locais, *empowerment* institucional e cooperação em rede, tendo as necessidades humanas locais consideradas, envolvendo a comunidade e usando e aplicando princípios de sustentabilidade. Sendo que essas iniciativas podem surgir de diferentes atores ou dos diferentes relacionamentos que podem ser gerados entre os atores de desenvolvimento no local.

Desta forma, o papel das organizações geradoras de conhecimento (escolas, universidades, centros de pesquisa) é essencial nesse processo, pois tornam-se responsáveis pela criação de um sistema de interação e distribuição de conhecimento, fomentando a inovação e melhorando o desempenho das firmas locais (TÖDTLING, 2011). A concepção moderna de desenvolvimento considera que as regiões com maior possibilidade de alavancagem são as que conseguem estabelecer um projeto político de desenvolvimento com seus diferentes atores sociais (ROLIM e SERRA, 2009).

Além disso, a pesquisa acadêmica é responsável pela geração de conhecimentos científicos e técnicos, e na produção de talentos, que são geralmente vistos como os elementos definidores do papel que as universidades desempenham no desenvolvimento regional (RODRIGUES e MELO, 2012). Bem como fonte de suporte para o desenvolvimento local, contribuindo para o surgimento de pequenos negócios, atraindo parceiros para a região e participando da estrutura de governança local.

A ideia central do DL é que a inovação não é propriedade exclusiva do empresário individual, mas de um conjunto de atores relacionados ao setor produtivo local, envolvendo diferentes agentes a diferentes instituições, a inovação encontra-se ancorada territorialmente, e o empreendedorismo vincula-se à matriz endógena (FERREIRA; LEOPOLDI; AMARAL, 2013).

As instituições de ensino têm figurado como protagonistas no processo de desenvolvimento regional e vem recebendo uma atenção crescente nos últimos anos, estando no centro dos debates devido à compreensão de que as inovações têm papel fundamental no processo de desenvolvimento econômico (ROLIM e SERRA, 2009), e essas organizações podem figurar como agentes de inovação local. Harvey (2012) destaca

ainda a importância dessas instituições no que tange ao ambiente simbólico local “Os meios de comunicação e as universidades que moldam o contexto imaginativo no qual vivemos” (HARVEY, 2012, p. 206).

A participação das Instituições de Ensino Superior (IES) no processo de DL dá-se na construção do capital humano e na ampliação do ambiente social e cultural, que permite inovações, no que a literatura tem chamado de terceiro papel das universidades, que vai além do conceito já conhecido de extensão e, juntamente com o ensino e a pesquisa, cumprem a tríplice do conhecimento universitário (ROLIM e SERRA, 2010). Essas instituições possuem fundamental importância na construção dos discursos dominantes, facilitando possibilidades de ação social, regulando as atividades, inibindo atividades ou estimulando outras, como por exemplo, as iniciativas empreendedoras, contribuindo dessa forma para a definição do espaço (HARVEY, 2012).

Essa participação pode ser configurada também em novos caminhos de cooperação, até então pouco explorados pelas IES, onde a interação com a sociedade permite à universidade a integração entre disciplinas, um processo mútuo de aprendizagem (valorizando o conhecimento local) e a criação de uma rede de solução de problemas que possibilite a retroalimentação da universidade no local, através de um processo sustentável (MADER et al., 2013).

No entanto, algumas delas estão mais preocupadas com questões de conhecimento universal e com temas de debate nacional, sem o olhar para o local em que estão instaladas. Essa perspectiva de atuação é alvo de diferenciação de Rolim e Serra (2010), no que eles chamam de “ser e estar” na região. Para os autores, as IES que são da região pesquisam temas regionais, capacitam pessoas para a região e buscam parceria com os demais atores da região. Para Rolim e Serra (2010, p. 2), a superação desta diferença entre ser e estar das IES perpassa pela interação entre as instituições e os demais atores, no que tange:

- O desenvolvimento de uma compreensão comum sobre os interesses mútuos das universidades e das regiões.
- A compreensão pelas Universidades das necessidades/oportunidades para o desenvolvimento (Dinâmica econômica e política da região).
- A compreensão pelos atores e usuários (*stakeholders*) regionais sobre os propósitos do ensino superior (Dinâmica Universitária)
- A ampliação da capacidade institucional para responder às necessidades regionais e para formatar a trajetória do desenvolvimento do território.

No modelo de desenvolvimento da interação entre universidade e região, Lester (2007, p.20) utilizou a seguinte classificação para o processo de interação entre universidade-empresa:

- a) Educação e treinamento: desenvolvimento do capital humano local.
- b) Conhecimento codificado: aumento do estoque de conhecimento codificado.
- c) Capacidade local de resolução de problemas científicos e tecnológicos: incubação, consultoria, pesquisas na empresa etc.
- d) Espaço de debate: utilização da universidade como espaço público para um contínuo debate sobre o desenvolvimento da indústria, as novas tecnologias e as oportunidades de mercado.

Diante dessa perspectiva, acredita-se que a superação econômica do território de Cachoeira encontra-se no desenvolvimento local endógeno a partir do aproveitamento dos recursos locais e fomentada pelos agentes de formação do território (escolas, centros de formação, faculdades e universidades). Formando o capital humano local e fomentando o empreendedorismo.

No que se refere ao empreendedorismo, vale à pena destacar que a educação empreendedora deve estar focada no aproveitamento das oportunidades locais em face da sustentabilidade e do desenvolvimento humano. Adota-se, nesta perspectiva, um empreendedorismo humano e não apenas de negócios, um modelo que busca canalizar o potencial criativo e inovativo da população (principalmente na cidade em análise, tendo em vista o potencial criativo) para criar empregos, criar riqueza e para consolidar e fazer crescer sua economia (DEGEN, 2013), mas para, além disso, promover: 1. A auto realização (o empreendedorismo oferece altos graus de realização pessoal, por ser a exteriorização do que se passa no âmago de uma pes-

soa); 2. O desenvolvimento social e crescimento econômico (como consequência do empreendedorismo de uma comunidade); 3. A valorização dos pequenos negócios; 4. O intraempreendedor (colaboradores que são motivados pela liberdade de ação); 5. Ética, cidadania e responsabilidade social; 6. A quebra da síndrome do empregado (permitir que o indivíduo rompa com o sentido de que necessita de alguém para se tornar produtivo, para trabalhar); 7. A inovação; 8. O respeito ao homem e ao meio ambiente; 9. A quebra da dependência do emprego e do governo; 10. Estímulo à cooperação e à criação do capital social (formação de comunidades); 11. Combater concepções individualistas; 12. Prática da liberdade (uma educação libertadora para uma vida livre, com protagonismo social e comunitário) (DOLABELA, 2008).

Por fim, verifica-se que urge a necessidade de uma reestruturação dos moldes educacionais e da estrutura de governança local para potencializar o desenvolvimento da cidade, em uma perspectiva focada no indivíduo, na comunidade, nas tradições e no potencial criativo da região, comemorando o desenvolvimento da cultura, da arte, da historicidade e do desenvolvimento da cidade, em detrimento a uma perspectiva desenvolvimentista exógena, que tende a valorizar o capital externo e as grandes empresas, sem o respeito às tradições e ao local.

Resgato aqui o objetivo deste ensaio, que foi iniciar um debate em torno desse território para potencializar o seu desenvolvimento em face aos inúmeros recursos existentes, e buscando novas perspectivas de discussão, não sendo ele conclusivo nem tampouco fechado a análises e contribuições para o aprofundamento teórico, mas aberto para reais contribuições para um novo cenário da cidade de Cachoeira.

REFERÊNCIAS

- DEGEN, R. J. . Teaching entrepreneurship students the practice of innovation: A brain-based guided experience approach. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 37, p. 92–104, dez. 2013.
- DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- FISCHER, T. D. A cidade como teia organizacional: inovações, continuidades e ressonâncias culturais Salvador, BA, cidade puzzle. **Revista de Administração Pública**, Brasil, 31, n. 13, 1997.
- GOULART, S.; VIEIRA, M. M. F. Science & Technology, Development and Local Power: Elements for Analysis of the Brazilian Context. **Journal of Technology Management & Innovation**, 2, n. 1, 2007. 64-71.
- HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 5ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. ISBN 978-85-15-02972-3.
- LLORENS, F. A. **Desenvolvimento Econômico Local: Caminhos e Desafios para a construção de uma nova agenda política**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: BNDES, 2001.
- OLIVEIRA, F. D. **Aproximações ao enigma: o que quer dizer desenvolvimento local?** São Paulo: Pólis, 2001.
- RODRIGUES, C.; MELO, A. I. The Triple Helix Model as Inspiration for Local Development Policies: An Experience Based Perspective. **International Journal of Urban and Regional Research**, 2012.
- ROLIM, C. F. C.; SERRA, M. A. **(Org.) Universidade e Desenvolvimento Regional: O apoio das instituições de ensino superior ao Desenvolvimento Regional**. 1ª. ed. Curitiba: Juruá, 2009.
- ROLIM, C.; SERRA, M. **Universidade e desenvolvimento: Ser da região X estar na região**. 7.º CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS. Lisboa: [s.n.]. 2010. p. 1-21.
- SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico científico informacional**. 3ª. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- TÖDTLING, F. Endogenous approaches to local and regional development policy. In: TÖDTLING, F. **Handbook of local and regional development**. [S.l.]: [s.n.], 2011. p. 333-344.

DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL (DRS): PARA ONDE CAMINHA ESSE MUNICÍPIO?

Danilo Oliveira [danilo.varejo@hotmail.com]

Cachoeira encontra-se na região do Recôncavo sul, a 110 Km de Salvador, capital da Bahia. Sua população atual é de 32.026 mil habitantes, com estimativa de crescimento para o ano de 2014 de 34.000 (IBGE, 2015). Atualmente ocupa uma área de 395,20 km², formados por dois distritos (Belém da Cachoeira e Santiago do Iguape) e diversos povoados (SEI, 2013). O município faz parte de uma das redes urbanas mais antigas do país, e foi um dos principais pontos econômicos da Bahia (SANTOS, 1998). No entanto, antes de avançarmos com o processo de caracterização do município de Cachoeira, faz-se necessário situá-la em seu território, a saber, Recôncavo da Bahia.

Nessa perspectiva, a faixa de terra úmida Recôncavo da Bahia está intimamente relacionada à sua história, cultura e posição geográfica. Tal território está contido na face litorânea da Zona da Mata, entre os rios Sauípe e Jequiriçá, formando uma faixa em semicírculo de cerca de 50 a 70 km de largura, em torno da Baía de Todos os Santos¹. Vem daí sua designação de Recôncavo da Bahia ou simplesmente Recôncavo, e não Recôncavo Baiano, como o vêm denominando os documentos oficiais (BRANDÃO, 2007).

Sua formação geológica é constituída por uma bacia, mais especificamente uma sub-bacia, que faz parte de um conjunto de bacias com orientação geral norte-sul, porém separadas. A bacia do Recôncavo faz limites com as bacias do Tucano, ao norte. O limite sul, pela bacia de Camamu; ao leste pela bacia do Jacuípe e, ao oeste, seu limite dá-se na falha de Maragogipe (DOMINGUEZ e BITTENCOUR, 2009). Ademais, é uma região em quatro patamares de altura: os manguezais, a planície de Santo Amaro e Cachoeira e a "mata fina", que são os "tabuleiros" que vão da parte alta dos municípios que estão entre as bacias dos rios Paraguaçu, Subaé e Jacuípe (PEDRÃO, 2007).

Uma região territorialmente pequena, com 11.000km², dos 540.000km² da Bahia, mas estrategicamente fundamental na formação do Estado Baiano (PEDRÃO, 1998). Sua formação geográfica e o clima podem ser associados aos tipos de vegetação dominante e o potencial das terras profundadas e aráveis, conhecidas pelo nome de massapê. Essa diversidade, segundo Santos (1998), possibilita tipificar o Recôncavo como: canavieiro, fumageiro, mandiogueiro e da cerâmica. Entretanto, nessa porção de terra úmida não se cultiva apenas cana-de-açúcar; sua variedade de solos possibilitou a introdução de diferentes gêneros agrícolas, contribuindo para o abastecimento de Salvador, principal porto de exportação (FRAGA FILHO, 2006, MARCELIN, 1996).

A penetração do açúcar nas terras do Recôncavo parece ter seu marco temporal no século XVI. A introdução do seu cultivo desdobrou-se em prosperidade e depressão por razões basicamente externas (BRANDÃO, 1998, p.35). Sobre isso, a cidade de Salvador irá desempenhar papel fundamental a partir de suas relações com o mercado internacional da cana-de-açúcar, delineando partes dos aspectos constitutivos do Recôncavo (PEDRÃO, 2007). Dentre as províncias portuguesas, a Bahia, em particular, o Recôncavo, destacava-se pela posição central dentro da economia mundial da época. Era a região economicamente mais importante da província. As freguesias suburbanas de Salvador e os distritos rurais das cidades de São Francisco, Santo Amaro e Cachoeira constituíam os principais centros produtores de cana (FRAGA FILHO, 2006). Apesar de o açúcar ser a produção dominante no Recôncavo, o tabaco, o cacau, a mandioca, o milho e outras agriculturas de subsistência modelaram a paisagem colonial dessa faixa de terra (MARCELIN, 1996).

A estrutura social do Recôncavo da Bahia foi constituída através de um processo sócio-histórico, que se formou e desenvolveu em torno de atividades ali empreendidas, "produzindo e reproduzindo suas

¹ A Baía de Todos os Santos, conhecida como BTS, é uma grande baía localizada nas bordas da terceira maior cidade brasileira, Salvador, capital da Bahia. Centrada entre a latitude de 12°50' S e a longitude de 38°38' W, a BTS apresenta uma área de 1.233 km², sendo a segunda maior baía do Brasil, atrás apenas da baía de São Marcos, no Maranhão.

condições materiais de sua existência” (COSTA PINTO, 1999, p. 106). Há exemplo dessas atividades, as já citadas cidades de São Francisco, Santo Amaro e Cachoeira concentravam 90% dos engenhos da época. A produção do açúcar e do fumo irão formar um espaço demográfico onde, segundo o censo de 1872, a região já concentrava 35,7% da população da província (FRAGA FILHO, p. 31:34). Além das relações constituídas pelo arranjo produtivo do açúcar e do fumo, as atividades desenvolvidas na orla, no mar e nas ilhas contribuíram para a formação da cultura da pesca artesanal. A vida e o trabalho das populações praianas e ribeirinhas era fonte de ganha-pão daqueles que vivem das águas, “fazendo do saveiro sua montaria, do mar sua oficina e da bravura uma rotina” (COSTA PINTO, 1999, p. 109).

Os engenhos, que ali desenvolveram suas atividades desde o primeiro século da colonização foram subsidiados pelo fértil massapê e pela mão-de-obra servil (escrava). Até os três séculos que decorreram o início da colonização até a abolição do regime escravo, o complexo formado pelos engenhos e as plantações contribuíram para a formação das relações sociais e um tipo de vida caracteristicamente senhorial. Nesse sentido, a esfera social ali constituída foi moldada pelas autarquias dos latifúndios e das fazendas, que viviam isoladas. Tal isolamento foi contribuir para a formação de um núcleo social centrado na família e a famulagem, comandadas pelo chefe patriarca (COSTA, PINTO)

O Recôncavo vai modelando-se conforme as transformações das forças produtivas e, desta forma, ganhando novos contornos. No entanto, não é mais capaz de manter sua representatividade econômica como centro de produção; inicia seu processo de decadência. Nas palavras de Brandão (1998, p. 29), “o Recôncavo; passou de senhora, a escrava de uma civilização matriz (...)”. O final do século XIX e o início do século XX irá marcar o Recôncavo através de um processo de transição, onde aspectos tais como o trabalho assalariado substitui a mão-de-obra escrava – efeito resultante da abolição da escravatura na produção açucareira - e os efeitos da Primeira Guerra Mundial sobre a produção fumageira (BRANDÃO, 1998, PEDRAO, 2007, COSTA PINTO, 1998).

No fim da primeira metade do século XX, assim como o açúcar, o fumo no Recôncavo da Bahia também já vinha perdendo a importância comercial que outrora desfrutava no mercado internacional (BRITO, 2008). A relação da capital com o Recôncavo se estendeu por quatro séculos. Entre o período abolicionista e década de 1950 o Recôncavo perdeu progressivamente sua antiga importância econômica e política; desorganizados os arranjos de produção e reduzidos os circuitos de tráfego inter-regional por mar e terra (BRANDÃO, p. 53, 2007).

O século XX, para o Recôncavo, foi marcado pela exploração do petróleo no território. As estruturas lançadas sobre as terras, matas, rios e povoados produziu profundas mudanças no âmbito econômico (uma nova massa monetária circulando), social (reorganização urbano e rural), cultural (novos elementos culturais sendo jogados sobre tradições seculares) e ambiental (devastação do ecossistema natural). Sobre as conclusões que podem ser tiradas a partir da exploração do petróleo no Recôncavo, Costa Pinto (1998) destaca alguns aspectos, tais como: (i) desenvolvimento de uma crise econômica introduzida pelo novo arranjo produtivo, a indústria; (ii) intensificação do êxodo rural-urbano; (iii) novos estratos sociais; (iv) novas relações de trabalho; (v) elevação dos padrões de vida; (vi) crescente divisão da divisão do trabalho social e (vii) tensão social e psicológica (COSTA PINTO, 1998, p. 213).

Atualmente, o capitalismo do século XXI vem buscado dar novos contornos econômicos, culturais e sociais ao Recôncavo, submetendo a cultura, pelo que parece, ao um processo de mercantilização e, nesse sentido, ressignificação dos saberes e fazeres tradicionais. A cultura parece tornar-se um produto viável e rentável aos novos arranjos, fundados na exploração do turismo, colocando sob o jugo elementos remanescentes dos costumes e tradições seculares.

A cultura do Recôncavo deixa de ser apenas um tema para artistas e literatos de fora da região para ser um canal de expressão reconhecido no contexto do Estado e perante a exposição do Estado a outros, dada pelo turismo. Tal significado traz novos riscos ao território, que vem sendo roteiro turístico sem que haja as devidas providências para assegurar a manutenção e a preservação da região. Como destino turístico, é possível conjeturarmos todas as implicações sobre a cultura, a realidade social e o mercado (BRANDÃO,

2007, PEDRÃO, 2007, BRITO, 2008).

Desenhar a atual face do município de Cachoeira é relatar as linhas que a história desse município tem com o Brasil colônia e, sobretudo, com o território do Recôncavo da Bahia. É evidenciar a estrutura senhorial desenvolvida a partir da produção fumageira e açucareira, cuja mão-de-obra escravagista sustentou durante anos o enriquecimento dos senhores (brancos) dos engenhos. Concomitantemente, a força de trabalho do negro escravizado não enriqueceu apenas seu senhor, mas, também, rescreve uma rica história que ali é forjada em uma nova perspectiva, onde as culturas negras, indígenas e portuguesas cruzam-se em uma dialética que resultará, em partes, na atual conjuntura cachoeirana.

Atualmente, Cachoeira parece viver uma nova fase onde o comércio, o serviço, a agricultura e a indústria, cada qual com suas especificidades, convivem, em alguns momentos, antagonicamente e, em outros, de forma alinhada. Entretanto, não se observa um alinhamento que se diferencie da sua longa trajetória. Continua o município desorganizado nos arranjos de produção e reduzido a uma subordinação no que diz respeito aos interesses políticos e econômicos, desconsiderando os anseios sociais.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. **Balanco do neoliberalismo**. In: SADER, Emir (Org.) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 9-23.
- BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: fundamentos e história**. São Paulo: Cortez, 2006
- BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 23 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.
- _____. decreto Presidencial n. 6.094, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela união, em regime de colaboração com municípios, distrito Federal e Estados. Diário Oficial da União, Brasília, 24 abr. 2007a.
- _____. Ministério da Educação. Índice de Desenvolvimento da Educação. 2007. disponível em: <<http://www.ideb.inep.gov.br>>. Acesso em: 31 dez. 2007b.
- _____. Ministério da Educação. **O Plano de Desenvolvimento da Educação**. razões, Princípios e Programas. Brasília: MEC, 2007c.
- _____. Ministério da Educação. **Fundo das Nações unidas para o desenvolvimento** (uNICEF). Aprova Brasil, o direito de Aprender. Brasília: MEC/uNICEF, 2007d.
- _____. Ministério da Educação. **Compromisso Todos pela Educação: passo a passo**, 2007. Secretaria de Educação Básica – SEB/MEC, jun. 2008
- CASTELO, Rodrigo. **O social liberalismo: auge e crise da supremacia burguesa na era neoliberal**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- CARNOY, Martin. Estado e Teoria política. (equipe de trad. PUCCAMP) 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1988. [pp. 19-62]
- COSTA PINTO, L. A. **Sociologia e desenvolvimento: temas e problemas de nosso tempo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- BOVO, J. M. ; SILVA, R. T. da; GUZZI, V. de S. **A inserção social da UNESP de Araraquara: sua importância na economia do município e na prestação de serviços á comunidade**. Perspectivas-Revista de Ciências Sociais UNESP.São Paulo, n.19, p. 7185, 1996.
- MORAES, F. F. de. **Universidade, inovação e impacto socioeconômico**. Perspectivas [on line], São Paulo, v.14, n.3, jul/set 2000, p.8-11. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi-

d=5010288392000000300003&lng=en&nrm=iso> Acessado em: 10 de janeiro de 2004.

SCHNEIDER, L. **Educação e desenvolvimento**: um estudo do impacto econômico da universidade federal no município de Santa Maria (RS). UNIFRA, Santa Maria, 2002. Disponível em: <<http://www.economia.unifra.br/pesquisa4.htm>> Acessado em: 15 de janeiro de 2003.

Os Clássicos da Política, vol. 1. Francisco Weffort (org.). São Paulo: Ática, 2002.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. **Social Policy in the Twentieth Century**, Hutchinson University Library, Londres, 1975, 4ª edição.

Hochman, Gilberta (mg.). **Políticas públicas no Brasil**. / organizado por Gilberta Hochman, Marta Arcetche e Eduardo Marques. - Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **A reforma do Estado dos anos 1990**: crise e reforma. disponível em: <<http://www.mare.gov.br/reforma>>. Acesso em: 3 jun. 1997.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser; SPINK, Peter (org.). **Reforma do Estado e Administração Pública Gerencial**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

PINDYCK, Robert. S & RUBINFELD, Daniel L. **Microeconomia**. São Paulo: Makron, 1994.

Rolim, C. & Kureski, R. (2006) **Impacto Econômico de Curto Prazo das Universidades Estaduais Paranaenses**. Curitiba. Relatório de Pesquisa realizada para a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do estado do Paraná.

SALVATORE, D. **Microeconomia**. São Paulo: MacGraw-Hill, 1984

SOUZA, Vieira. José. **Educação superior no Brasil**: expansão, avaliação e tendências na formação do professor. In: Cunha. Célia; Vieira José; Abádia. Maria (org.). **Políticas Públicas de educação na América Latina**: lições aprendidas e desafios. Campinas, SP: Autores Associados, 2011

TEIXEIRA, Anísio. **A expansão do ensino superior no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.36, n.83, jul./set. 1961. p.3-4.

MOSAICO CACHOEIRANO POTENCIAL PARA A ECONOMIA CRIATIVA EM CACHOEIRA

ATELIER DE LOUCO FILHO

Localizado na Rua 13 de Maio, no centro da cidade de Cachoeira, o Atelier do Louco Filho produz esculturas e reforma peças em madeira, desde itens pequenos até dois metros. Tem como proprietário Celestino Gama da Silva. A divulgação dos trabalhos se dá de forma desestruturada, feita em exposições em diferentes locais, tais como: Salvador, Recife, Rio de Janeiro e na cidade sede, Cachoeira. Atualmente possui peças expostas em diversos museus: Museu do SESC (São Paulo, SP), Museu Afro-Brasil (São Paulo, SP), Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro, RJ); Museu Casal do Pontal (RJ) e Forest Hill Museum (Londres, Inglaterra).



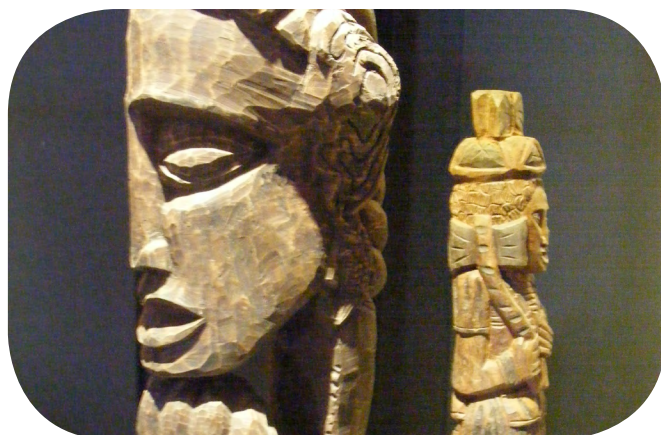
ATELIÊ DOIDÃO BAHIA

O atelier "Doidão Bahia" está localizado na Rua Ana Nery, número 42, centro do município de Cachoeira. O artista responsável e proprietário do espaço é José Cardoso de Araújo. O tipo de trabalho desenvolvido pelo artista constitui-se em obras de arte de madeira que valorizam a cultura local. "A transformação da madeira morta em obras vivas" demonstra que, apesar de utilizar madeira, a atividade não oferece risco ambiental, pois utiliza-se apenas madeira morta retirada dos distritos de Cachoeira, São Félix e Muritiba. A madeira passa por um tratamento para suportar sol e chuva e logo é esculpida. Doidão utiliza-se de alguns meios de comunicação para a propagação do seu trabalho como o rádio, o jornal local e cartões que são distribuídos para as pessoas.



ATELIÊ DO MIMO

Em um estabelecimento doado pela Prefeitura Municipal, funciona o Ateliê do Mimo. Tem como dono o artesão Almir Oliveira da Cruz, artista que produz esculturas de madeira, são peças que vão desde pequenos formatos, até dois metros de altura. Todo o processo produtivo é cuidadosamente feito por Almir, o que inclui a compra da matéria-prima, a exposição e a venda das peças. Os preços das esculturas têm sua variação estabelecida levando-se em consideração o tempo gasto na produção, o tipo de



madeira utilizado na fabricação da escultura e os custos gerais de produção. O público mais assíduo são as pessoas e/ou famílias da comunidade local, que são adequadas às tradições religiosas afro-brasileiras.

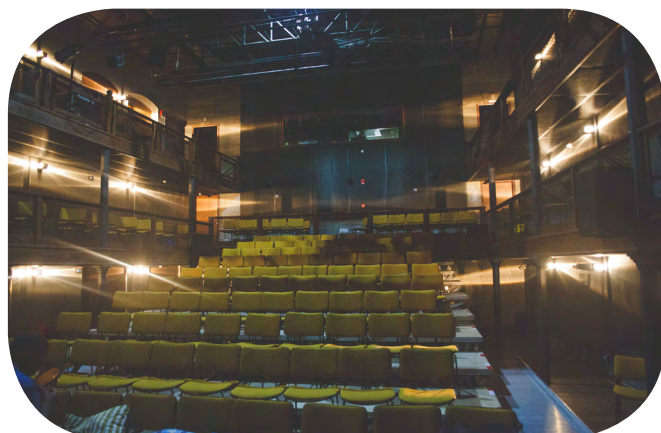
ATELIÊ DO FORY

Tendo como característica peculiar a convivência democrática entre a arte e culinária, encontra-se o ateliê localizado no Centro Histórico de Cachoeira, na parte térrea de um sobrado do século XVIII. Fory iniciou sua vida artística aos 15 anos e, aos 18, já estava inserido no meio artístico baiano, com participações em mostras coletivas em Salvador e em cidades do interior. O escultor trabalha exclusivamente com restos de escombros de antigos casarões e cria obras admiradas por colecionadores de diversas partes do mundo.



CINE THEATRO CACHOEIRANO

O Cine Theatro Cachoeirano foi construído em 1922, sendo o segundo cinema mais antigo da Bahia. Após um período de decadência, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 30 de novembro de 1937. Foi reinaugurado no dia 25 de junho de 2014, e atualmente está enquadrado no setor de artes cênicas, segundo o Sistema de FIRJAN de 2012. O Cine Theatro Cachoeirano é mantido pela Prefeitura Municipal. Os valores dos ingressos estão abaixo do mercado, e as atrações são diversas, como sessões de cinema ou teatro, shows musicais, espetáculos de dança e até oficinas. O Cine Theatro conta ainda com artistas locais, exibe muitos filmes e documentários gravados em Cachoeira.



FLICA

A Festa Literária Internacional de Cachoeira – FLICA – teve sua primeira edição no ano de 2011. Cachoeira foi escolhida para sediar tal evento por ser uma cidade histórica com destacado potencial turístico. O evento possui o patrocínio de diferentes empresas e é caracterizado como projeto cultural, pois traz autores e escritores, locais, nacionais e internacionais de destaque. Os participantes são escolhidos de acordo com os temas propostos. O evento ocorre em três pontos principais na cidade: na Praça Aclamação, no cinema (Fliquinha) e na Igreja do Carmo (Exposição das obras literárias). Na Flica, são realizados debates com autores que tratam da mesma temática a partir de pontos de vista diferentes, com a finalidade de fomentar o



conhecimento e permitir ao público um pensamento mais crítico. No segmento para o público infantil – Fliquinha – há apresentação de diferentes projetos planejado para estimular o público infantil no caminho da leitura. Os projetos culturais, com shows e apresentações artísticas locais e nacionais, acontecem na chamada Varanda Cultural e nas praças e ruas da cidade.

FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA

Criada em abril de 1976, em Cachoeira, a Fundação Hansen Bahia atualmente ocupa três prédios, dois em Cachoeira e um na cidade vizinha de São Felix, sendo este último criado após a morte do artista. Hansen, que buscava imortalizar sua obra e seu nome, doou todo o acervo de sua propriedade, todos os instrumentos e equipamentos do seu ateliê. Hoje a fundação, por meio principalmente do museu galeria e do espaço cultural, dissemina arte e cultura ao público de forma gratuita. Oferece cursos, seminários, gravuras, artes plásticas, exposições de xilogravura, fotografias e outros tipos de exposições para qualquer pessoa interessada em desenvolver alguma dessas práticas.



INSTITUTO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO

O Instituto Cultural Afro-Brasileiro, que tem por nome fantasia “Identidade Brasil”, iniciou suas atividades no ano de 2005, em São Paulo, divulgando a cultura popular e afro-brasileira no Estado através de exposições, apresentações artísticas, documentários, palestras e publicações de artigos em revistas. Auxiliou escolas públicas, particulares e universidades a trabalhar com a história e cultura afro-brasileira, conforme exigido na Lei 10639. No ano de 2009, criou o Centro de Pesquisas Identidade Brasil, cuja finalidade é colher informações sobre o Recôncavo Baiano para o desenvolvimento dos projetos e produtos culturais do Instituto. Em 2010, teve sua sede transferida para a Rua 25 de Junho, no Casarão Amarelo. Tal transferência teve como objetivo incentivar a valorização das manifestações culturais do Recôncavo, para o próprio Recôncavo. A Presidente, Rosângela Cordado, desenvolve pesquisas de manifestações populares e encarrega-se de promover tais manifestações no Brasil e no mundo.

São fotos e vídeos, acervos, biblioteca, projetos musicais, projetos de moda, projetos de gas-



tronomia e projetos de arte popular. O ID oferece hospedagem e pacotes turísticos para pesquisadores e pessoas que queiram conhecer de perto todas as manifestações culturais do Recôncavo Baiano.

IRMANDADE DA BOA MORTE

A Irmandade da Boa Morte representa uma riqueza cultural e histórica para o município de Cachoeira. Embora não seja uma empresa, tem hierarquia organizacional e uma liderança para funcionamento, constituída por mulheres. Caracteriza-se como manifestação de sincretismo representado pelo Candomblé e Catolicismo. A Irmandade organiza as comemorações festivas da Boa Morte, que ocorrem anualmente entre os dias 13 e 17 de agosto. Com a grande quantidade de pessoas de todo o país e exterior que são atraídas para a festa, a Irmandade contribui também para o desenvolvimento econômico do município de Cachoeira. A instituição vive de donativos, do artesanato que produz e do museu que conta sua história e tradição. A devoção à Nossa Senhora da Boa Morte tem um significado social, pois permitiu, ao longo da sua existência, a agregação dos escravos, facultando a manutenção de sua religiosidade e a valorização do indivíduo. A Irmandade tornou-se um inigualável meio de celebração da vida [Falcon - Professor da UFBA e pesquisador do Centro de Estudos Afro-Orientais].



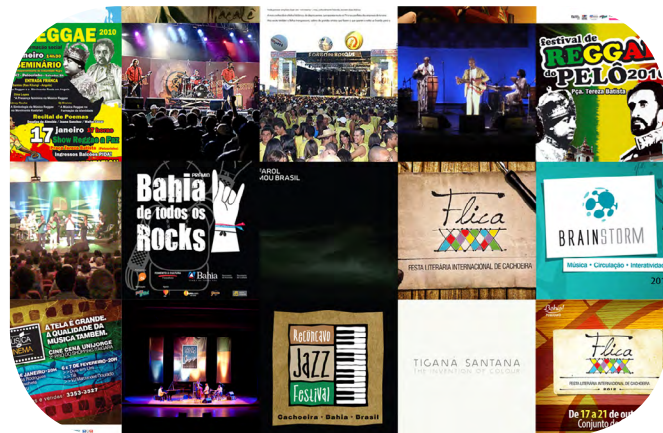
ONG CASA DE BARRO

Criada em 25 de julho de 2005 na modalidade Organização Cultural, tem como objetivo contribuir para o processo de desenvolvimento humano e cultural nas cidades do Recôncavo da Bahia. Tem por missão desenvolver as ações multidisciplinares que privilegiem três campos de atuação: a Cultura, a Arte e a Educação. A ONG já fez lançamentos de livros como os poemários "Alma Molhada", de Jaqueline Riquelme, e "Poemas Quânticos", de Raimundo Cerqueira, além de vários outros que fazem parte da coleção Oju Aiyê. A Casa de Barro tem objetivo de promover a preservação do patrimônio cultural, incentivar a escrita, as leituras de mundo e de livros, assim como sua a edição, a circulação, difusão literária e o intercâmbio lítero-cultural com países da África lusófona, América Latina e Caribe.



PUTZ GRILLO

Com o objetivo de realizar projetos que contribuíssem para o desenvolvimento da economia local e regional no ano de 2008, o pós-graduado em comunicação e produção cultural Marcus Aragão B. Ferreira abriu a empresa Putz Grillo. As principais atividades desenvolvidas por ela são publicidade, criação e organização de projetos/eventos culturais, shows, festivais e premiações, agenciamento de artistas, gravações, lançamentos de obras etc. Cachoeira, por ser destaque cultural e por, na visão de Marcus Aragão, ter pouca contribuição municipal para o desenvolvimento da cultura, precisava de uma empresa que suprisse a falta de organização e profissionalização, visando o crescimento local. A empresa atua em eventos culturais, buscando mão de obra qualificada para a realização do evento, que tem sempre planejamento prévio até a sua execução.



MUSEU DO CINEMA

O Museu é fruto de 56 anos de dedicação, estudos, pesquisas e uma vasta coleção de equipamentos cinematográficos cedidos pelo Roque Araújo e outros colecionadores. Foi inaugurado com o apoio da prefeitura de Cachoeira e do Estado. O objetivo do museu é alimentar e construir atividades sociais e de caráter educacional, e gerar renda para o município. A visitação é gratuita, permitindo assim a visualização de suas magníficas peças que foram responsáveis por mais de 70% da produção cinematográfica baiana e brasileira, que estão expostas nas paredes, vitrines e bancadas. Este museu vem resgatando a história do cinema e dos pioneiros que a Bahia tem no cenário cinematográfico.



POUSO DA PALAVRA

Funcionando em um sobrado do século XVII, localizado na Praça da Aclamação, desde o ano 2000 a instituição Pouso da Palavra, que teve como proprietário o poeta Damário da Cruz. Contempla exposições com artesanatos, recitais de poesias, exposições de artes plásticas, apresentações musicais, debates literários, entre outros. O Pouso da Palavra contribui para o crescimento cultural da cidade, pois abriga uma biblioteca com ponto de leitura, galeria de arte, espaço para apresentações musicais e loja com produtos diversos, a exemplo de objetos em cerâmica e tela de artistas regionais.



ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO DA FACULDADE ADVENTISTA DA BAHIA ENVOIDOS NO PROJETO

Addison Fernando dos Reis Goes

Ademiro Vieira Rocha

Adenilton Dantas de Amorim

Adriely da Exaltação Fernandes

Alberto Arthur Reiter de Oliveira

Alex de Oliveira Anjos

Aline Santana dos Santos Gonçalves

Alisson Josué Alves Novais

Alisson Rodrigues de Oliveira Moreira

Ana Helena da Silva Nascimento

Ana Paula Lopes Ferreira da Silva

Andressa Santos Rodrigues

Antonia Selma da Silva Santana

Ariane da Conceição de Jesus

Ariane Martins de Oliveira Pilar

Arthur Xavier Neto

Camila Tavares

Carla Conceição dos Santos Pereira

Claudiana Calixto Brito

Cristiane Teles Santos

Daniel Darlison Ribeiro de Sousa Costa

Daniela de Souza Gomes Santos

Darlei Mendes dos Santos

David Nascimento dos Santos

Denisson Dias da Silva

Diana dos Santos Ferreira

Diêgo Alves de Carvalho

Edlene Lisbôa da Silva

Elainne Almeida Bastos

Elival da Silva Souza

Ellen Lima de Abreu

Everlyn da Conceição Carvalho

Everton Henrique Feitosa Silva

Ezenilton Menezes Mendonça

Fábio Pedroso Santos

Fabricia Araújo de Amorim

Fagner Cordeiro Araujo

Franciney do Nascimento Mota

Francisco das Chagas Castelo Branco Júnior

Francisco Franceildo Barbosa da Silva

Francivan Souza Brito

Gabriel dos Santos de Brito

Gabriel Machado dos Santos

Gabriela de Lima Andrade

Gesiele dos Santos Silva

Gilmar Costa da Silva

Guilherme Matheus Ramos

Guthierre dos Santos Lima

Hannyel dos Santos Sousa

Hayanna Darla Almeida Freire

Horácio Fernandes de Oliveira

Igor Fernando de Jesus Barbosa

Irleude Nunes Santos

Isaac Oliveira da Silva

Islaine Aparecida dos Santos

Ítalo Bastos de Santana França

Italo Lopes dos Santos da Silva Ferreira

Jadiel da Silva Sousa

Jadson de Jesus Evangelista

Jailton Muniz dos Santos

Jaime de Brito Guerreiro
Jardson Lion Bezerra da Silva
Jean Jenis de Queiroz
Jeane Vieira Santana
Jeisciclan de Araujo Santa Bárbara
Jennffen Talita Gonçalves da Silva
Jessé Oliveira Barbosa
Jéssica Dias Mota Damasceno
Jessica Patrícia Rodrigues
João Moisés Rosa da Silva Júnior
João Vitor Caldas Monteles
Joel Ccorahua Arredondo
Joelma dos Anjos da Costa Matos
Jomaik Aparecido Ferreira
José Adriano da Silva
Josias da Silva Evangelista
Jucilene Ferreira de Jesus
Julicleide dos Santos Cavalcante
Karen da Silva Santana
Karina Melo Trindade
Karine Lameira Maia
Katielle Gomes do Nascimento
Larissa de Almeida Froes
Letiane Silva Pimentel
Lillian Danielly Araújo Ferreira
Lindiberto Nascimento Bezerra
Luan Paixão Amorim
Luan Paulo Lima de Santana
Luana de Santana Ribeiro
Lucas Amorim Reis Andrade
Lucas Maziero de Santana
Luciana Cabral Miranda
Marcia de Souza Dias
Márcio Henrique Soares Pereira
Maria Luiza dos Santos da Silva
Mariane Pacheco da Silva
Matheus de Araujo Batista
Matheus Kleber Moreira da Silva
Meire Ellen Rufino de Lima
Mércia Silva Falheiro Santana
Micaele de Jesus Pinheiro
Moaci Leal Gonçalves Júnior
Murilo Irineu dos Reis
Naiane da Silva de Jesus
Natália Soares Paz
Otto Adriel Trindade Costa
Pablo Yuri dos Santos
Pricila Nunes Leite
Rayane Almeida Ribeiro
Rebeca de Santana Souza
Reginaldo Raimundo Maurício Mateque
Reinan Bispo Silva
Renato Santos Souza
Ridalva da Silva Jesus
Roberto Guedes dos Santos
Robson Rael Fernandes de Sousa
Rodiellen Andrade dos Santos
Ruan Augusto Amorim Farias
Samuel dos Santos de Lima Moreira
Silvana de Oliveira Santos Marucci
Thaiane Santana do Nascimento
Thiago Roberto da Silva
Tiago Amparo dos Santos
Tiago da Silva Fernandes
Ueslei Icaro de Santana Horacio
Vicenildo Dias Reis
Victor Henrique Martins de Oliveira
Virginia Santos Aragão do Nascimento
Wagner da Paixão dos Santos
Walter Toscano de Souza Corrêa
Wanderson Eduardo Pacheco
Warley Dias Lemos
Wilma Dias da Silva Andrade

J. BORGES

CINE THEATRO
CACHOEIRANO

ATELIER
DO
LOUCO
FILHO
ESCULTURAS - MOVEIS, ENTALHADOS
METEIROIS - RESTAURAÇÕES ETC.

IRMANDADE DA BOA MORTE

Bahia
Hansen
Museu Galeria

MOSAICO Cachoeirano